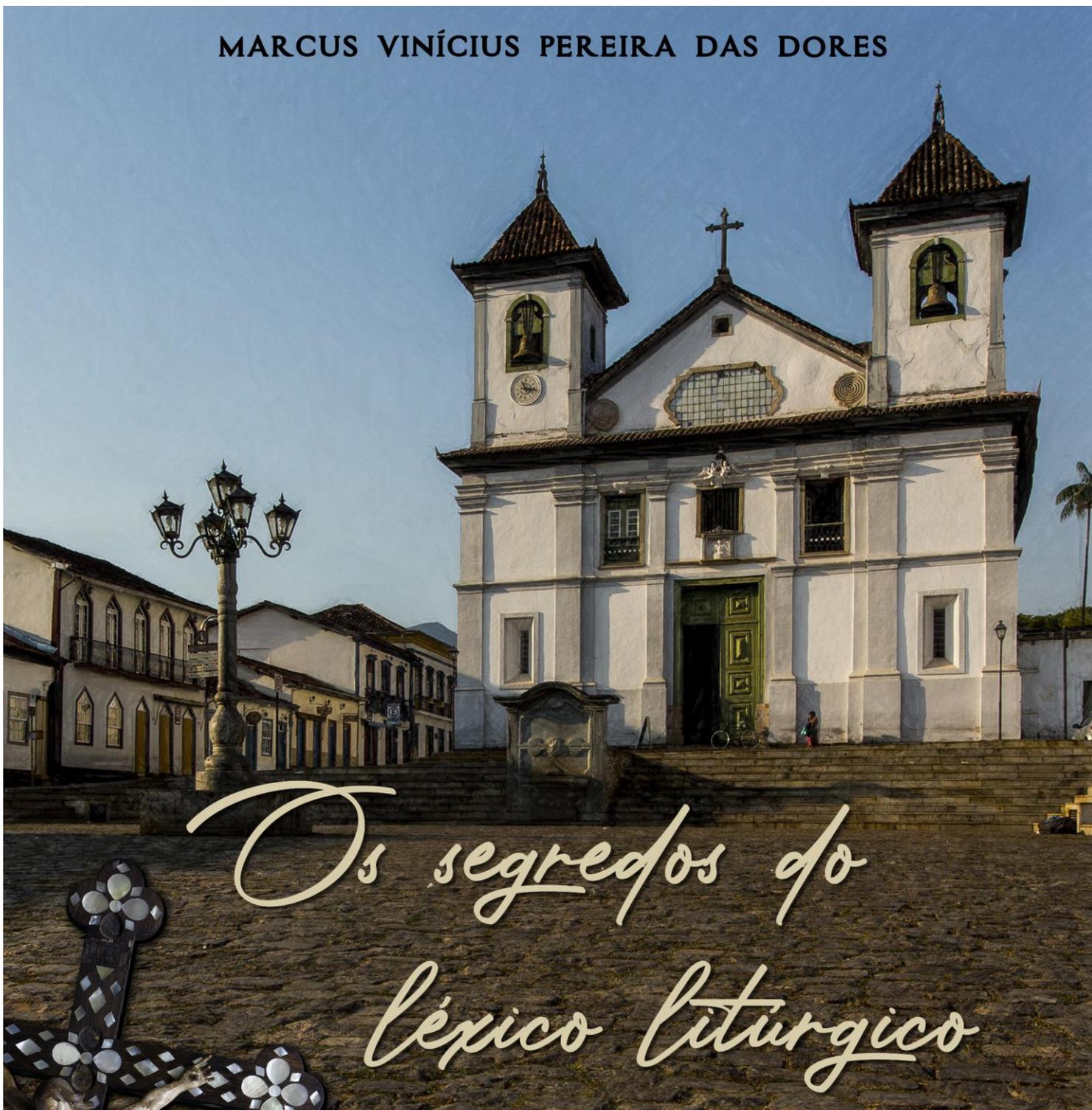


MARCUS VINÍCIUS PEREIRA DAS DORES



*Os segredos do
léxico litúrgico*

GLOSSÁRIO DO PRIMEIRO INVENTÁRIO
DE BENS DA CATEDRAL DE MARIANA



NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA EM ETIMOLOGIA
E HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do autor, mesmo após aprovação da comissão científica e revisão geral.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada fonte e autoria.

É proibido qualquer uso para fins comerciais.



Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

D695 Dores, Marcus Vinícius Pereira das.
Os segredos do léxico litúrgico [recurso eletrônico] : glossário do primeiro inventário de bens da Catedral de Mariana / Marcus Vinícius Pereira das Dores. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2020.
2.280 Kb ; PDF.

ISBN 978-65-87621-29-6
DOI: 10.11606/9786587621296

1. Léxico. 2. Glossários. 3. Fontes históricas. 4. Liturgia. 5. Igreja Católica – Mariana (MG). I. Título.

CDD 282.81

MARCUS VINÍCIUS PEREIRA DAS DORES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**OS SEGREDOS DO LÉXICO LITÚRGICO:
GLOSSÁRIO DO *PRIMEIRO INVENTÁRIO DE
BENS DA CATEDRAL DE MARIANA***

FFLCH-USP
SÃO PAULO

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Vahan Agopyan

VICE-REITOR: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandes

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR: Prof. Dr. Paulo Martins

VICE-DIRETORA: Prof^a. Dr^a. Ana Paula Torres Megiani

COMISSÃO ORGANIZADORA

PRODUÇÃO GRÁFICA E PREPARAÇÃO: Érica Santos Soares de Freitas

CAPA: Matheus Freitas Gomes

IMAGENS DA CAPA: Leo Drumond / Nitro imagens

NEHiLP

Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa

www.nehilp.org

COORDENAÇÃO: Mário Eduardo Viaro

ISBN 978-65-87621-29-6

DOI 10.11606/9786587621296

NEHiLP

Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa

www.nehlp.org

1-77, 2020.

ISBN 978-65-87621-29-6

DOI 10.11606/9786587621296

MARCUS VINÍCIUS PEREIRA DAS DORES

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**OS SEGREDOS DO LÉXICO LITÚRGICO:
GLOSSÁRIO DO *PRIMEIRO INVENTÁRIO DE
BENS DA CATEDRAL DE MARIANA***



Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP)

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo

2020

AGRADECIMENTOS

Toda publicação, sobretudo de um trabalho fruto de uma investigação de pós-graduação, sempre conta com o apoio e com o estímulo de muitas pessoas. Dessa forma, o sentimento de gratidão se faz muito presente. Agradeço, portanto, a minha família e a todas as pessoas que, de alguma forma, colaboraram para a publicação deste modesto livro. Com receio de esquecer-me de alguém, não gostaria de elencar nomes. Entretanto, ainda que caindo em um paradoxo, não poderia deixar de explicitar os agradecimentos às seguintes pessoas e instituições:

- Professora Dra. Aléxia Teles Duchowny, pela orientação durante o mestrado, pelos incentivos na vida acadêmica e pelo generoso prefácio desta obra.

- Professoras Dra. Ilma Magalhaes Alkimim, Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra e Dra. Maria Filomena Gonçalves, pela leitura prévia deste texto.

- Matheus Freitas Gomes, pela elaboração da linda capa deste livro. Acrescento, também, o Instituto Roque Camêllo, na pessoa de Merania Oliveira, por nos ceder as imagens – parte do acervo do livro *Mariana. Assim nasceram as Minas Gerais: uma visão panorâmica da História*, de autoria do saudoso Professor Roque Camêllo – que compõem essa capa.

- Dom Francisco Barroso Filho, bispo emérito de Oliveira-MG, pela sugestão de ajustes no título do livro.

- Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana e Museu da Liturgia de Tiradentes, pelo acesso às fontes documentais e pela disponibilização das imagens que ilustram o glossário, respectivamente.

- Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo acolhimento da pesquisa que gerou como subproduto este livro, e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa (Processo 133813/2017-7).

- Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (NEHiLP/USP), Professor Dr. Mário Eduardo Viaro e as Professoras Dra. Vanessa Martins do Monte e Dra. Érica Santos Soares de Freitas, pelo trabalho editorial, pela publicação e pelo acolhimento deste livro.

RESUMO

O **Livro de Inventários da Catedral de Mariana** – fonte documental chancelada pela UNESCO como Memória do Mundo – é um importante manuscrito do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Dom Oscar de Oliveira (Mariana, Minas Gerais, Brasil). Da edição de parte desse manuscrito, elaboramos um glossário com o objetivo de recuperar, registrar e popularizar alguns itens lexicais presentes nesse texto. Esse glossário visa a auxiliar pesquisadores que trabalham com fontes eclesiais que, em seu labor, se deparam com nomeações desconhecidas ou duvidosas.

O glossário que apresentamos é composto pelos itens lexicais referentes aos bens móveis e de consumo e às vestimentas litúrgicas que faziam parte do patrimônio da Catedral de Mariana na época de elaboração do primeiro inventário registrado no **Livro de Inventários da Catedral de Mariana**. Fazem parte também do glossário alguns outros itens referentes à Igreja Católica, ao clero, à arte sacra e à religiosidade em geral.

Palavras-chave: Glossário. Liturgia. Manuscrito eclesial. Arquidiocese de Mariana.

ABSTRACT

O **Livro de Inventários da Catedral de Mariana** (Inventory Book of the Cathedral of Mariana, in free translation) – a documentary source recognised by UNESCO as a World Heritage – is an important manuscript from the Ecclesiastical Archive of the Archdiocese of Mariana – Dom Oscar de Oliveira (Mariana, Minas Gerais, Brazil). We made a glossary based on an edition of part of this manuscript, aiming at recovering, registering and popularising some lexical items found in the text. The glossary should assist researchers interested in ecclesiastical sources who, during their work, face unknown or dubious terms.

The glossary we present here comprises lexical items referring to movables, consumer goods and vestments that were owned by the Cathedral of Mariana when the first inventory registered in the **Livro de Inventários da Catedral de Mariana** was written. Additionally, some other items, related to the Catholic Church, to the clergy, to religious art and religiosity in general, are also included in the glossary.

Keywords: Glossary. Liturgy. Ecclesiastical manuscript. Archdiocese of Mariana.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
APRESENTAÇÃO	11
1 LÉXICO LITÚRGICO	14
2 NORMAS DE ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO	19
2.1 Obras lexicográficas consultadas	22
3 GLOSSÁRIO	24
4 REFERÊNCIAS	75
4.1 Trabalhos e obras	75
4.2 Fonte documental	77
4.3 <i>Software</i>	77

PREFÁCIO

Trabalhar com textos manuscritos do passado não é tarefa fácil. Essa asserção, por mais evidente que seja, deve ser repetida para entendermos melhor o valor de um glossário de um texto antigo, aqui no caso do século XVIII. O autor de um glossário não é um mero organizador de palavras coletadas de um documento e colocadas em ordem alfabética. Não. Antes de chegarmos a um texto tão bem organizado como o que se verá a seguir, Marcus Vinícius se deu ao trabalho de editar, de maneira conservadora e conscienciosa, um documento que, embora seja reconhecido pela Unesco como importante para a memória do mundo, é pouco conhecido e explorado pelo público em geral e pelo meio acadêmico. A própria edição do primeiro inventário do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* já seria uma investigação digna de obtenção de título acadêmico. Mas, proativo e ambicioso como o autor o é, insatisfeito com a meticulosa edição do documento, ainda nos oferece, em sua dissertação de mestrado, um glossário, que aqui se publica. Esse material lexicográfico obedece a todas as normas propostas e expostas, com clareza absoluta, a quem interessar possa. Assim, aumenta-se a relevância de um dos produtos de sua pesquisa – realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – para os estudos linguísticos e, de forma mais específica, para os estudos na área do léxico.

Apesar de impactar diretamente o leitor mais especializado (linguista, filólogo, historiador e outros), o léxico litúrgico atrai, sem dúvida, também, o leitor leigo e até sem formação acadêmica. Como não achar curioso que *píxide* é um pequeno vaso que se guarda acorrentado no pescoço, em uma bolsinha de seda, para dar comunhão aos doentes? E que *resplendor*, como o próprio nome indica, representa um círculo de luz, símbolo de supremacia, que cinge a cabeça das imagens dos santos? Além do mais, as fotografias em cor que compõem o livro são muito atraentes ao olhar de qualquer um que se interesse pelo passado, pela cultura, pela História e até pela moda.

Certamente, os historiadores irão beber deste rico material sobre a liturgia católica, que faz parte da nossa cultura religiosa e também popular. Cabe ressaltar, também, que a cidade de Mariana foi a primeira vila, cidade e capital do estado de Minas Gerais, no Brasil, tendo sido, no século XVIII, uma das maiores cidades produtoras de ouro para o Império português. O inventário analisado é da Catedral da Sé de Mariana,

datada do século XVIII, sede da Arquidiocese de Mariana. A obra do jovem autor, então, tem importância para a história da Arquidiocese e da cidade, mais especificamente, e também para a história do Brasil colônia e de sua metrópole.

Este ex-aluno e futuro colega, amante da Crítica textual e da Linguística histórica, dos textos manuscritos e de outras fontes documentais, nos enche de prazer com sua obra a ser lida e consultada por todos, e importante para enriquecer o conhecimento em construção sobre a história da língua portuguesa.

Profa. Dra. Aléxia Teles Duchowny

*Professora do Setor de Estudos Diacrônicos
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
Faculdade de Letras - Universidade Federal de Minas Gerais*

APRESENTAÇÃO

O *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* é composto por diversos inventários que trazem nas linhas e nas margens a relação e a avaliação dos bens – ornamentos, indumentárias, pratarias, livros etc. – da igreja catedral da (arqui)diocese de Mariana. Tendo em vista o valor material e imaterial que podemos recuperar desse manuscrito, em 2018, submetemos um projeto à UNESCO que, por meio do Programa Memória do Mundo, incluiu essa documentação no Registro Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da UNESCO (ver selo que segue).

Figura 1: Selo que identifica o “Livro de Inventários da Catedral de Mariana, 1749-1904” como tendo sido nominado no Registro Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da Unesco em 2018¹



Fonte: Programa Memória do Mundo da UNESCO.

Um olhar diacrônico para esse importante bem documental nos permite incluí-lo, em sentido específico, na história da cidade de Mariana e, em sentido mais lato, na história do Brasil Colônia (em maior parte), Império e República – dado o grande recorte temporal do Livro. Em nosso trabalho nos debruçamos sob o primeiro inventário registrado no livro. Dessa forma, o nosso contexto histórico corresponde apenas ao Período Colonial.

Tendo isso em vista, cabe ressaltar que, desde a decisão régia de Dom João V², a única cidade de todo o Período Colonial Mineiro foi Mariana. Mariana é, portanto,

¹ O autor deste livro é o responsável pela escolha e apresentação das ideias e pelas opiniões nele contidas, as quais não são, necessariamente, aquelas da UNESCO, que não se compromete com esta publicação.

² Carta Régia de Dom João V, de 23 de abril de 1745, aqui *in verbis*: “Atendendo a que a Vila do Ribeirão do Carmo é a mais antiga das Minas Gerais e que fica em sítio mais cômodo para ereção de uma das duas catedrais que tenho determinado pedir a Sua Santidade, no território da Diocese de Rio de Janeiro, fui servido criar Cidade a dita Vila do Ribeirão do Carmo, que ficará chamando-se Mariana [...]” (Códice 1612, Maço 12º, fl. 95).

conhecida e reconhecida como a cidade primaz de Minas Gerais, como destaca a professora Regina Almeida, título que lhe assenta bem e com muita justiça. Mariana é urbe veneranda pela fé – desde a sua criação sob o patrocínio de Nossa Senhora do Carmo –, pela história – topônimo em homenagem à rainha D. Maria Ana de Áustria, esposa do Rei D. João V de Portugal –, pela arte, pela cultura, das quais é a grande protagonista mineira.

Segundo a Professora Regina Almeida³, pesquisadora da arte e da história mineira,

Se do ponto de vista histórico-político-administrativo coube-lhe ser a primeira vila, a primeira capital e a primeira cidade, do ponto de vista da fé e da religião não lhe faltam primazias. Foi em Mariana que se deu o primeiro ato formal de religião em Minas Gerais [...], na tarde de 16 de julho de 1696, ao assentar o Pe. Francisco Gonçalves Lopes (o padre Canjica) a pedra de ara do altar carmelitano, na primeira capela que o bandeirante Salvador Fernandes Furtado erguera junto ao seu descoberto do ouro. [...] E mais. Mariana, sabemos com clareza e segurança documental, foi a primeira diocese de Minas, que abrangia quase toda área da então Capitania, e a primeira arquidiocese, sob o leme seguro, respectivamente, dos bispos Dom Frei Manoel da Cruz e Dom Silvério Gomes Pimenta.

Trabalhar, portanto, com o *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* foi uma oportunidade ímpar, aliás extraordinariamente especial, para, mais uma vez, reafirmar a importância da História Minas Gerais não só sobre sua origem, seu território, suas riquezas materiais e imateriais com um acervo cultural inigualável, mas também sobre seu papel dentro da História da América Portuguesa.

O glossário que aqui apresentamos foi elaborado de uma edição diplomática do primeiro inventário registrado no *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*. Segundo a abertura desse inventário, ele surgiu para registrar os bens que foram de Lisboa para a catedral da diocese recém criada⁴:

Inventario dos ornamentos,
e mais beñs, q̃. vieraõ de Lisboa p.^a

³ Texto lido pela autora no 1º INTERARTE MARIANA, que teve lugar em Mariana (Minas Gerais, Brasil), no dia 06 de julho de 2013.

⁴ A diocese de Mariana foi criada, em 1745, com a publicação da Bula *Candor Lucis Aeternae*, pelo Papa Bento XIV. (Cf. DORES, 2019). O primeiro inventário do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* foi escrito em 1749.

esta Cathedral de Marianna; aos
quais oThezr.º Mor della Joaõ deCam=
pos Lopes Torres tomou conta por in=
trega q̃. delles Lhefes o Sachristaõ
Mor Manoel Pereyra dePinho, a
cuja a recadaçaõ esta(v)aõ: estando
prez.º R.º D.º Provizor (des)te Bp.º Jo=
ze de Andradae Moraes Eeu

Esse glossário, portanto, desempenha o papel de “fixar, representar e circular o léxico que compõe o documento em questão, permitindo, também, aumentar o conhecimento sobre o português de um modo geral” (DUCHOWNY *et al.*, 2014, p. 9). A pesquisa destes termos como meio de identificá-los, recuperá-los e registrá-los contribui, assim, para a nossa memória linguística e para a história da lexicografia e da terminologia da língua portuguesa.

Dentro do estudo do léxico, outro ponto importante para este trabalho é a prática de edição de textos antigos possuir uma relação muito direta com as Ciências do Léxico. Sobre isso, Telles (2012, p. 137) afirma que o léxico é o

[...] primeiro elemento linguístico com que se depara o filólogo ao tentar ler e transcrever um texto manuscrito. Ele não irá interferir na forma da palavra escrita, mas, para entender essa palavra e poder preservá-la na sua edição de caráter conservador, vai precisar de todo o seu conhecimento linguístico na identificação das formas escritas.

A autora, ora citada, ainda complementa essa ideia afirmando que “[a]s formas lexicais que dão suporte ao texto correspondem ao uso linguístico do *scriptor* e do seu tempo, mas também ao gênero discursivo nele representado” (TELLES, 2012, p. 143).

Cabe ressaltar que este trabalho consiste em excertos da nossa dissertação de mestrado intitulada *O Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana (1749-1753): edição e glossário terminológico*⁵, defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Brasil).

⁵ Este trabalho contou com a orientação da Profa. Dra. Alexia Teles Duchowny – a quem agradecemos pela parceria e pelo apoio – e com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – processo: 133813/2017-7.

1 LÉXICO LITÚRGICO

O léxico, ao mesmo tempo que consolida o saber de um povo e o resguarda como um baú na memória dos falantes, é também a face lingüística mais dinâmica de expressão desse saber, uma vez que os saberes se atualizam e se interpenetram constantemente.

PAULA, 2007, p. 153.

O léxico de uma língua, como aponta Biderman (2001, p. 13), “constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente”. Complementando essa noção de léxico, Mira-Mateus e Villalva (2006, p. 61) afirmam que

[o] léxico das línguas é uma entidade abstrata: limitada no tempo, dado que integra todas as palavras, de todas as sincronias, da formação da língua à contemporaneidade; limita no espaço, dado que compreende todas as palavras de todos os dialectos; e irrestrita na adequação ao real, dado que inclui as palavras de todos os registros de língua.

As Ciências do Léxico, disciplina lingüística que trata do estudo do léxico, podem ser divididas em alguns subcampos, a saber: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. De maneira geral, a Lexicologia ocupa-se do estudo, mais geral, do léxico/vocabulário de uma língua. Segundo Abbade (2006, p. 219), “[a] Lexicologia é a ciência que estuda o léxico em todas as suas relações lingüísticas, pragmáticas, discursivas, históricas e culturais”. A Lexicografia, por sua vez, é o campo de estudos da prática de elaboração de materiais lexicográficos (dicionários de língua geral, vocabulários, glossários etc.). (Cf. ABBADE, 2006, p. 220) Já a Terminologia dedica-se ao estudo “os termos de natureza técnico-científica” (ABBADE, 2006, p. 220).

Por lidarmos com o léxico que envolve a prática litúrgica, ou seja, um léxico especializado, tomamos a Terminologia como uma de nossas fundamentações. Para Cabré (1995, s/p, tradução nossa)⁶

⁶ No original: “la terminología sirve a las distintas especialidades para representar el conocimiento de manera organizada (en forma de manuales o glosarios) y para unificar el conocimiento (en forma de normas

a terminologia serve às diferentes especialidades para representar o conhecimento de maneira organizada (sob a forma de manuais ou glossários) e para unificar o conhecimento (em forma de normas e padrões); enquanto as especialidades proporcionam à terminologia sua própria razão de ser, que é seu objeto de estudo: os termos, que sem sua inserção nas especialidades perderiam seu valor terminológico.

Complementar a isso, Krieger (2009, s/p) afirma que

[...] não há comunicação profissional sem terminologia, o que corresponde ao emprego de itens léxicos específicos e, conseqüentemente, de conceitos próprios de cada área de saber científico, técnico, tecnológico, jurídicos entre tantos outros domínios de competência.

É preciso, contudo, tomar cuidado para não se separar (de forma quase independente) a língua de especialidades da língua geral. Segundo Krieger (2009, s/p),

[...] os textos, que funcionam com suporte material de conteúdos científicos, técnicos, jurídicos, administrativos, [litúrgicos,] entre outros tipos que veiculam o conhecimento profissional, são articulados com base em estruturas lexicais e sintagmáticas que um mesmo sistema lingüístico oferece. Não é o caso de uma língua à parte, mas de um modo de dizer na mesma língua [...].

Prova de que essa separação é inviável é o fato de vários itens lexicais transitarem, a todo instante, no domínio geral e no domínio especializado. Por exemplo, a palavra *verde*, na língua comum significa “a cor da relva” (HOUAISS, 2009); no campo da física significa “cor que corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática cujo comprimento de onda é da ordem de 492 e 577 nanômetros” (HOUAISS, 2009); já na liturgia, significa “símbolo da vida e da esperança, é aquela que se usa mais vezes durante o ano, nos domingos e dias feriais do Tempo Comum” (CEP, 2003, 346c, s/p).

Nesse sentido, elaborar um material de consulta com perfil terminológico (no nosso caso um glossário) tem como finalidade, como aponta Schierholz (2012, p. 379), “tornar mais compreensível o conhecimento de especialidade, possibilitar um

y estándares); mientras que las especialidades proporcionan a la terminología su misma razón de ser, el objeto de su estudio: los términos, que sin su inserción en las especialidades perderían su valor terminológico.

entendimento sem obstáculos entre os especialistas [...] e facilitar a troca de conhecimentos entre especialistas e leigos”. Complementando essa ideia, Lino *et al.* (2010, p. 188) afirmam que uma obra lexicográfica de especialidade é “[...] indispensável aos especialistas das diferentes áreas do conhecimento, aos tradutores e ao ensino-aprendizagem da língua materna e das línguas estrangeiras para fins específicos”.

A prática de elaboração de glossários (aqui colocamos em foco a Lexicografia), como indica Krieger (2006), remonta ao mundo antigo, quando eram elaboradas listas de palavras, com as suas respectivas definições, que tinham por finalidade auxiliar a leitura e compreensão dos textos literários e litúrgicos. Segundo essa autora,

[c]onta a tradição que a *Ilíada* e a *Odisséia* de Homero necessitaram de glossários para facilitar sua leitura. Assim também na Idade Média, quando o latim, que passou a ser chamado de vulgar, já apresentava muitas diferenças com o latim clássico, que permanecia como a língua da liturgia, do direito e da universidade, foi necessário explicar o significado das palavras difíceis por meio de glosas, ou seja, de notas explicativas. (KRIEGER, 2006, p. 141).

1.1 Liturgia

Inicialmente, é importante deixar claro, antes que sejamos julgados de cometer algum anacronismo histórico, que o objetivo desta seção não é discutir liturgia no período coetâneo ao *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana* (1749-1904), mas restringir o nosso olhar para o léxico dessa esfera específica. É verdade que, ao longo do tempo, sobretudo após os diversos Concílios da Igreja Católica, várias mudanças ocorreram no âmbito litúrgico⁷. Contudo, essas mudanças não são pautadas nas descrições que aqui fazemos.

Tanto o *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*, como todo o *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*, trazem os registros de objetos sacros ou não que

⁷ Sobre essa questão, ver Santos (2011). Segundo essa autora, “[o]s ritos litúrgicos sempre se revelaram muito caros às celebrações religiosas católicas. A Igreja regulamentou, através de sucessivos concílios, um rigoroso cerimonial destinado a expressar a alta dignidade dos ofícios divinos, com uma profusão de elementos musicais e formais inspirados nas Sagradas Escrituras” (p. 69-70).

eram utilizados na catedral da (arqui)diocese de Mariana. A maioria desses objetos compunham e alguns ainda compõem as diversas atividades litúrgicas que aconteciam (e acontecem) naquele espaço. Como aponta Coppola (2006, p. 21),

[s]ão diversos os paramentos da Igreja. Alguns deles têm caráter decorativo, são ornamentos, como as vestes litúrgicas e as decorações do altar, do púlpito e das paredes. Outros, porque são utilizados com frequência, têm importância prática, como por exemplo, o corporal e a toalha de comunhão.

Segundo a Constituição sobre a Sagrada Liturgia⁸, por muito tempo,

[...] a Igreja [e aqui leia-se Igreja Católica] preocupou-se com muita solicitude em que as alfaias sagradas contribuíssem para a dignidade e beleza do culto, aceitando no decorrer do tempo, na matéria, na forma e na ornamentação, as mudanças que o progresso técnico foi introduzindo [...]. (*Sacrosanctum Concilium*, 1963, n. 122).

Isso, porque, como consta na *Instrução Geral do Missal Romano*, “[...] toda a Liturgia, realiza-se por meio de sinais sensíveis, pelos quais se alimenta, fortalece e exprime a fé [...]” (CEP, 2003, n. 20).

A catedral, como igreja principal da diocese, a igreja do bispo, deve dar exemplo em zelo litúrgico às outras igrejas e capelas daquela circunscrição eclesial. Essa questão fica bastante clara na *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*, citada no *Cerimonial dos Bispos*:

[...] todos devem dar a maior importância à vida litúrgica da diocese que gravita ao redor do Bispo, sobretudo na igreja catedral, convencidos de que a principal manifestação da Igreja se faz numa plena e ativa participação de todo o povo na mesma celebração litúrgica, especialmente na mesma Eucaristia, numa única oração, em volta do mesmo altar, a que preside o Bispo rodeado do seu presbitério e dos ministros. (*Sacrosanctum Concilium*, n. 35, citada no *Cerimonial dos Bispos*, p. 20).

⁸ Embora muito posterior à data do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* (1749-1904), essa Constituição nos ajuda a perceber a preocupação Igreja Católica com os aparatos litúrgicos. Todavia, convém ressaltar que essa assembleia decorreu em meados do século XX e, portanto, não queremos impor as definições decorrentes dela aos períodos históricos anteriores. Cabe destacar, também, que o zelo pelos objetos utilizados nos diferentes cultos sagrados não é prerrogativa apenas da Igreja Católica.

Dessa forma, é imprescindível que haja, nas catedrais das diversas (arqui)dioceses, um conjunto variado de objetos litúrgicos que permitam a realização das práticas celebrativas segundo prescrevem os documentos oficiais da Igreja Católica. Isso não seria diferente na catedral primaz do Estado de Minas Gerais, estado onde o ouro e diversos outros metais preciosos eram bastante abundantes.

Dessa forma, antes de tomar posse, logo que nomeado como bispo de Mariana, Dom Frei Manuel da Cruz, a partir de 1746, escreve à coroa para solicitar que alguns objetos de culto – ornamentos, livros de canto, sino e até um órgão – fossem enviados à nova catedral.

2 NORMAS DE ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO

A exploração e a análise da língua em que está escrita determinada obra só pode levar se a efeito de forma completa se a obra for acompanhada de glossários.

MIRA-MATEUS, 1995, p. 298.

Diversos são os trabalhos que apresentam como produto final um glossário ou outro material lexicográfico. Nesse sentido, torna-se necessário definir brevemente o que entendemos por glossário. Em nosso trabalho, portanto, apropriamo-nos da concepção de Barbosa (2001, p. 36) que afirma que se trata de uma

[...] obra lexicográfica que apresenta unidades lexicais extraídas de um único texto manifestado e definidas em suas significações específicas, correspondentes a cada palavra-ocorrência, no mais alto nível de densidade sêmica, sem reunir num só verbete duas ou mais palavras-ocorrências com a mesma forma de expressão.

Queremos com o glossário litúrgico registrar uma parte do léxico da língua portuguesa em uso, em uma dada época e em um contexto específico. Justificamos o uso do termo glossário também com suporte no trabalho de Krieger (2006, p. 143, grifos nossos) que, ao tratar da tipologia dos dicionários, afirma que

[...] os critérios classificatórios são também variáveis, explicando denominações que, em geral, dependem do componente tomado por base a exemplo dos dicionários técnico-científicos ou terminológicos que repertoriam os termos técnico-científicos de alguma área de conhecimento. *Essas produções que, muito comumente, também aparecem sob a forma de glossários, restringem-se a repertoriar o que é convencionalmente chamado de léxico especializado.*

Em nosso trabalho, foi possível realizar uma síntese razoável sobre vários termos e definições, neste caso, referentes à liturgia da Igreja Católica. É preciso destacar que todos os termos foram extraídos do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Esse manuscrito, exarado entre 1749 e 1753, está contido no *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*, que faz parte do acervo documental do Arquivo Eclesiástico Dom Oscar de Oliveira (também conhecido como Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana).

Com a transcrição finalizada, efetuamos, com o auxílio do *AntConc* – *software* com ferramentas de análise de *corpus* para concordância e análise textual – o levantamento de todos os termos litúrgicos presentes no manuscrito. Tendo realizado essa etapa, elaboramos o glossário, nos fundamentando, principalmente, no trabalho de Barreiros (2017) – no qual a autora estabeleceu o vocabulário do escritor baiano Eulálio de Miranda Motta – e no trabalho de Duchowny *et al.* (2015) – um dos poucos vocabulários específicos do português mineiro (Minas Gerais, Brasil) do século XVIII.

Segundo Barreiros (2017, p. 87) “com o crescente desenvolvimento das tecnologias computacionais, várias ferramentas estão disponíveis com o intuito de facilitar a construção de trabalhos lexicográficos”. Essas ferramentas facilitam o manuseio dos dados e geram um maior grau de confiabilidade da pesquisa. Precisamos destacar, contudo, que, em se tratando de uma edição conservadora de um manuscrito antigo, o software *AntConc* não apresenta um desempenho tão satisfatório. Por isso, torna-se necessário, também, um trabalho manual de limpeza dos dados e até de seleção de alguns itens.

Por partirmos dos itens lexicais para as suas respectivas definições, o glossário que apresentamos tem um caráter semasiológico. Como ocorre com outros glossários organizados em ordem alfabética, esse tipo de material geralmente é consultado quando se dispõe de uma palavra, mas se desconhece pelo menos uma de suas propriedades semânticas e/ou gramaticais.

Por meio da edição diplomática do manuscrito *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana* foi possível realizar o levantamento de 108 itens lexicais relacionados à prática litúrgica da igreja catedral da Arquidiocese de Mariana. Entre os itens levantados podemos verificar que a maioria dá nome aos vasos litúrgicos, aos paramentos, aos objetos sacros, aos livros litúrgicos etc. Como todo trabalho científico, nosso glossário foi estabelecido por meio de algumas regras que serão apresentadas a seguir.

1. Os itens lexicais foram organizados em ordem alfabética, e a microestrutura do glossário foi configurada da seguinte forma: entrada lexical (no singular, em caixa alta e em negrito), seguida do número total de ocorrências entre parênteses. Por se tratar de um glossário elaborado com base em texto antigo, optamos por apresentar a entrada lexical

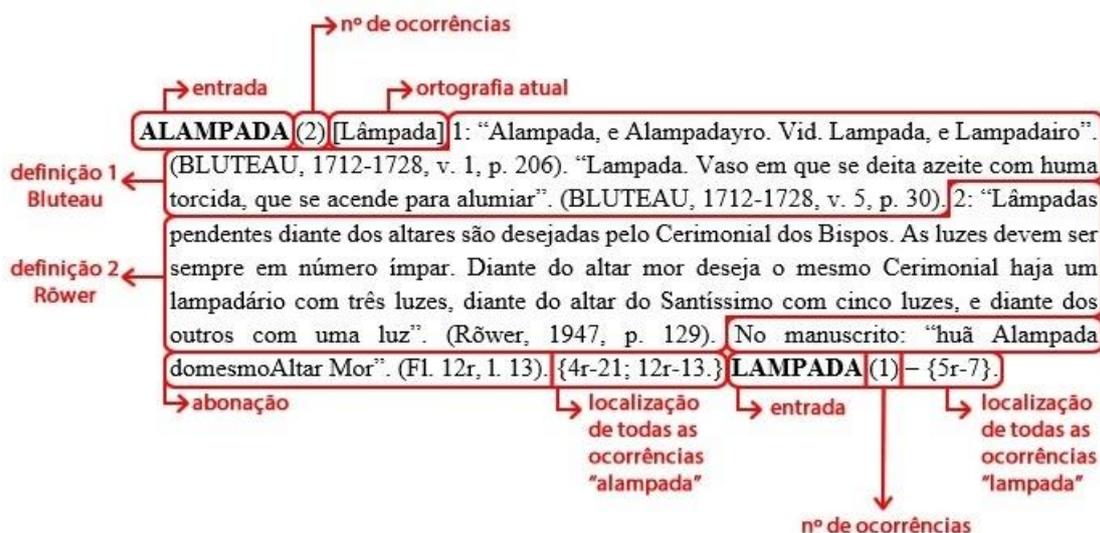
na grafia encontrada no manuscrito. Para os casos de variação, escolhemos a forma com maior número de ocorrências e apresentamos, ao final do verbete, as outras formas encontradas. Em caso de mesmo número de ocorrência, optamos pela ordem alfabética das formas.

2. Registro da ortografia atual, entre colchetes, retirada do *Dicionário Houaiss* (2009) ou, quando não encontrada, dos *Cadernos Históricos do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana* (RODRIGUES, 2005).
3. Apresentação das definições conforme o *Vocabulário Português e Latino*, do padre Raphael Bluteau e conforme o *Dicionário Litúrgico*, do Frei Basílio Rôwer.
4. Apontamento de uma abonação segundo o manuscrito seguida da localização na edição diplomática.
5. Indicação da localização de todas as ocorrências (fólio e linha), na edição diplomática, entre chaves.

Vale destacar que, para a composição do glossário, não foram levados em consideração os itens lexicais de leitura duvidosa, incompletos, rasurados e riscados (pelo escrivão ou por terceiros), os itens escritos por terceiros e as abreviaturas.

Utilizamos para a composição da microestrutura do glossário o seguinte modelo, adaptado de Barreiros (2017, p. 163):

Figura 2: Microestrutura do glossário



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de informações de Barreiros (2017, p. 163).

Algumas entradas do glossário contam com uma imagem do objeto, que nos ajuda a melhor definir o referente em questão. Embora o manuscrito utilizado como fonte para a elaboração dessa obra seja referente à Catedral da Arquidiocese de Mariana, por motivos diversos, não conseguimos imagens dos objetos dessa igreja. Dessa forma, a inclusão de imagens no nosso glossário só foi possível com a colaboração do Museu da Liturgia de Tiradentes⁹ (Minas Gerais, Brasil) – o único dedicado à liturgia em toda a América Latina.

2.1 Obras lexicográficas consultadas

As definições apresentadas no nosso glossário, foram extraídas de duas obras lexicográficas: *Vocabulário Português e Latino* e *Dicionário litúrgico para uso do Revmo. Clero e dos fiéis*.

Referindo-se a um material lexicográfico elaborado por meio da edição de um texto manuscrito setecentista, foi necessário recorrermos ao *Vocabulário Português e Latino*, do padre Raphael Bluteau. O uso desse Vocabulário se justifica por dois fatores. Primeiro, porque é a obra lexicográfica em língua portuguesa mais coetânea ao manuscrito. Segundo, pois Bluteau criou definições “por vezes, extensas e detalhadas, abrangendo não só a explicação de uma palavra e a relação de seus sinônimos, mas também pormenores descritivos e históricos” (MURAKAWA, 2007, p. 168). Como Bluteau era padre, essas definições, praticamente enciclopédicas, geralmente eram carregadas de suas doutrinas, o que para nós é de grande relevância. Vale destacar, contudo, que, em alguns casos, dada a apresentação de informações não relacionadas ao campo eclesiástico, foi necessário fazer alguns recortes das definições apresentadas por Bluteau.

Para tornar o nosso glossário um pouco mais completo e preciso, resolvemos consultar também o *Dicionário litúrgico para uso do Revmo. Clero e dos fiéis*, do Frei

⁹ Registramos aqui os nossos agradecimentos à equipe do Museu da Liturgia de Tiradentes pela importante colaboração. Para acessar o *site* do museu, basta utilizar o seguinte *link*: <http://www.museudaliturgia.com.br>. Acesso em: 25 jun. 2020.

Basílio Rôwer. Essa obra, como um dicionário de especialidade, ou seja, voltado para um público especialista específico, tem o papel, em nosso trabalho de validação. Com as definições extraídas dessa obra, foi possível restringir um pouco mais o contexto de uso dos itens lexicais apresentados no nosso glossário. Vale destacar, também, que as informações etimológicas encontradas nesse dicionário foram bastante relevantes para o trabalho.

Optamos por não criar uma definição nossa para cada item lexical por se tratar de um glossário de registro de língua antigo de uma esfera social da qual não fazemos parte. Esse tipo de escolha, de acordo com Fulgêncio (2016, p. 57), faz parte do processo de elaboração de uma obra lexicográfica:

é preciso não somente selecionar o léxico que será definido naquele tipo de dicionário, mas também é preciso decidir sobre como definir, o que incluir no verbete, o tipo de linguagem que será empregada, o modelo de formulação do enunciado definitório e muitos outros detalhes que determinarão a concepção lexicográfica. [...] Essa concepção e planejamento, o molde como é concebido, é chamado proposta lexicográfica.

Para fornecer a escrita padrão atual das palavras que compõem o nosso glossário, consultamos o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss (Instituto Houaiss). Trata-se de uma grande obra de referência de língua portuguesa, atualizada, na versão de 2009, segundo o Acordo Ortográfico de 2009. Em último caso, as palavras que não foram encontradas no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, tiveram as suas formas ortográficas pesquisadas nos *Cadernos Históricos do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana*. Esse material, produzido pelo então diretor do Arquivo Eclesiástico Dom Oscar de Oliveira, traz um pequeno glossário que serve de consulta aos pesquisadores que trabalham com documentação eclesial em geral.

A seguir, apresentamos em ordem alfabética todos os 108 itens lexicais que compõem o Glossário de termos litúrgicos do *Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. Vale destacar que, as definições, retiradas das duas obras lexicográficas consultadas, foram transcritas respeitando a grafia original.

3 GLOSSÁRIO

A a

ALAMPADA (3) [Lâmpada].

1: “Alampada, e Alampadayro. Vid. Lampada, e Lampadairo”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 206) > “Lampada. Vaso em que se deita azeite com huma torcida, que se acende para alumiar”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 30).

2: “Lâmpadas pendentes diante dos altares são desejadas pelo Cerimonial dos Bispos. As luzes devem ser sempre em número ímpar. Diante do altar mor deseja o mesmo Cerimonial haja um lampadário com três luzes, diante do altar do Santíssimo com cinco luzes, e diante dos outros com uma luz”. (RÖWER, 1947, p. 129).

No manuscrito: “huã Alampada domesmo Altar Mor”. (Fl. 12r, l. 13).

{4r-21; 5r-7; 12r-13}.

ALTAR (18) [Altar].

1: “Altar. Obra de pedra, e cal, ou especie de mesa, em que os Antigos offerenciaõ às suas fabulosas deidades victimas, e sacrificios, assim chamada de Aitus, porque em lugares altos se fabricavaõ os Altares, ou porque na parte do templo destinada para o Altar, se levanta o pavimento desorte, que se sobia a elle por muitos degraos”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 285).

2: “Altar, objecto cultural sobre o qual o sacerdote oferece o sacrifício ritual ou litúrgico. Onde existe sacrifício oficial, existe também altar. Pelo que não somente o judaísmo teve o seu altar, mas também o paganismo os tem. As seitas protestantes,

porém, eliminaram-no com o sacrifício. O altar por excelência é o da Igreja Católica, porque sobre ele se oferece e é oferecido em sacrifício o Cordeiro imaculado, o próprio Filho de Deus. Os pagãos chamavam o altar ara, termo que só raras vezes é usado na terminologia litúrgica cristã”. (RÖWER, 1947, p. 20).

No manuscrito: “Huma Almofada do Altar de Damasco com guarnição de retrôs”. (Fl. 2r, l. 26).

{1r-27; 1v-11 e 27; 2r-3, 17 e 26; 2v-5 e 34; 3r-9; 6v-5, 20 e 33; 7v-21; 10r-31 e 42; 10v-8 e 28; 12r-12}.

ALTAR COLATERAL (1) [Altar colateral].

1: “Altar lateral. Altar colocado em parede, capela ou nicho laterais. Foi condenado por Pio VI o Decreto do Sínodo de Pistóia, que em cada igreja permitia um só altar. Contudo, não parece conveniente aumentar o número dos altares laterais sem necessidade”. (RÖWER, 1947, p. 21).

No manuscrito: “Huma Imagem de S.^{to} Ant.^o q.^o está no altar Colateral Comomennino”. (Fl. 6r, l. 25).

{6r-25}.

ALTAR MOR (18) [Altar-mor].

1: “Altar-mor. Altar principal, em que geralmente se conserva o Santíssimo e se celebram os actos principais do culto”. (RÖWER, 1947, p. 21).

No manuscrito: “Duas toalhas Com renda do Altar mor, q̃. já Senaõ Vzadellas”. (Fl. 7v, l. 20).

{2v-32; 4r-16 e 17; 5r-31; 6r-24; 6v-14; 7r-28, 30, 32 e 33; 7v-20 e 37; 8r-2; 10r-42; 10v-25; 11r-37; 12r-11 e 13}.

ALTAR PORTATIL (2) [Altar portátil].

1: “Altar portátil (móvel), 1) uma chapa de pedra natural, de três a quatro centímetros de espessura, não frágil, do tamanho que possa caber nela a hóstia e a maior parte do cálice pelo menos, com sepulcro, sagrada pelo Bispo ou por quem tenha a faculdade (pedra d'ara); 2) uma mesa, à semelhança da do altar fixo, com sepulcro, sagrada pelo Bispo ou por quem tenha tal faculdade, mas não sagrada inseparavelmente com a base. (Dir. can. c. 1197)”. (RÖWER, 1947, p. 21).

No manuscrito: “Huma Caixa, q̃. Serve de altar portatil”. (Fl. 6v, l. 10).

{6v-10 e 23}.

ALVA (5) [Alva].

1: “Alva. Vestidura Sacerdotal de pano de linho, que chega até o chão. Significa a veste branca, que vestirão a Christo, em casa de Herodes”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 304).

2: “Alva (l. *alba*), veste litúrgica, de linho, em forma de túnica, com mangas estreitas, descendo até ao chão, porém regaçada por um cingulo e benta por um sacerdote competente. Tem a sua origem na túnica cotidiana dos romanos e gregos e é, entre as vestes litúrgicas, uma das mais antigas”. (RÖWER, 1947, p. 22).

No manuscrito: “Seis alvas de pano delinho”. (Fl. 7v, l. 29).

{4r-6; 7v-27 e 29; 8r-5; 11r-9}.

AMBULA (6) [Âmbula].

1: “Ambula. Vaso pequeno de vidro, ou de Cristal”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 329).

2: “Ambula (píxide, cibório), cálice maior ou menor, conforme as necessidades, com tampa, para a conservação e distribuição das sagradas hóstias aos fiéis na Santa Comunhão. O feitio ora é simples ora mais rico. Deve ser fabricada de sólida e decente matéria, não sendo indispensável ouro ou prata, benta pelo Bispo ou por quem tenha a faculdade, e, enquanto contém o Santíssimo, coberta com uma capinha de seda (véu de âmbula)”. (RÖWER, 1947, p. 23).

No manuscrito: “Huma ambula de prapado Sacratio de distribuir a Sagrada Comunhao”. (Fl. 6r, l. 36).

{3v-9; 4r-36; 6r-36; 6v-27; 12r-24 e 37}.

AMBOLA (1) - {4r-15}.

AMITTO (6) [Amito].

1: “Amicto, ou Amito. Derivase do verbo Latino *Amicire*, que val o mesmo, que cobrir, vestir. He huma especie de veo branco, que o Sacerdote poem na cabeça, quando se reveste para sizer Missa. Significa o panno, com que os Judeos cobrião o rosto a Christo em casa de Caifaz”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 336).

2: “Amicto (do l. *amicire* = *cobrir*), pano de linho do tamanho de um grande lenço, com dois cadarços e cruz bordada rto centro, com que o sacerdote, ao se paramentar, cobre o pescoço e os ombros, passando os cadarços por baixo dos braços e atando-os sobre o peito. Está em uso pelo menos desde o século VIII. Sua origem é obscura. Talvez tenha sido o seu fim apenas revestir decentemente o pescoço, protegê-lo contra

resfriamentos e os paramentos contra o suor, porque esses se tornavam mais e mais preciosos”. (RÖWER, 1947, p. 24).

No manuscrito: “Seis amittos depano delinho”. (Fl. 7v, l. 30).

{3v-38; 4r-3, 4 e 5; 7v-30; 11r-11}.

APAGADOR (1) [Apagador].

1: “Apagador. Instrumento, para apagar velas, e candeas. He palavra Grega de *Puix*, que val o mesmo que Apagar, ou Suffocar”. (BLUTEAU, 1728, p. 413).

No manuscrito: “Seis apagadores delatam”. (Fl. 5r, l. 19).

{5r-19}.

ARCIPRESTE (3) [Arcipreste].

1: “Arcipreste. Na reformação das palavras, que a gente vulgar usa, e escreve mal, traz Duarte Nunes de Leão em primeyro lugar *Arcipreste* entre as erradas, e mostra, que se ha de dizer *Arcipreste*. Derivase esta palavra de *Archos*, que no Grego val o mesmo, que Principe, ou Primeyro, e de Presbiter, que he Presbitero, ou Sacerdote. E Arcipreste he dignidade Ecclesiastica, o mayor entre os Clerigos de Missa de huma Cathedral. Antigamente em virtude do seu officio, e preminencia Sacerdotal, era o que observava os procedimentos dos mais sacerdotes, celebrava a Missa em ausencia do Bispo, tinha cuidado das viovas, orphães, e peregrinos, como o Arcediago”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 477).

2: “Arcipreste. V. Vigário forâneo”. (RÖWER, 1947, p. 31) > “Vigário forâneo, decano, arquipresbítero, arcipreste, sacerdote constituído pelo Bispo sobre um distrito que consta de várias paróquias. Não

tem jurisdição, mas em geral o officio de vigiar sobre a execução das leis eclesiásticas. Suas atribuições discrimina o *Dir. can. cc.* 445 e seg”. (RÖWER, 1947, p. 232).

No manuscrito: “o Reverendo Doutor Iosede Andrada e | Moraes Arcipreste da mesma e Prouizor em todo este Bis | pado”. (Fl. 8v, l. 6-8).

{5v-17; 8r-14; 8v-7}.

B b

BAGO (2) [Báculo].

1: “Bago do Bispo. Insignia Pontifical. Antigamente era de pao, hoje he de prata, ou ouro. Bispos, Abades, e Abadessas o fazem trazer diante de si, e o tem na mão, quando daõ a benção em função ceremonial. Os Bispos Maronitas na Summidade do Bago, trazem huma bolazinha de cristal, com uma cruz em cima. O Papa não traz bago; entre outras razoens por não mostrar a coarctação de poder, e jurisdição, na contracção, e curvatura do Bago. A significação desta insignia Pontifical he esta. O Bago significa jurisdição, e cuidado Pastoral”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 13).

2: “Báculo pastoral, antigamente também bago (1. *baculus, virga, pedum*), bastão encimado por uma curvatura, que o Bispo diocesano usa na mão esquerda, nas funções litúrgicas solenes, menos nas Missas de Requiem e na Sexta-feira da Paixão, com a curvatura virada para o povo. Sendo símbolo de seu ofício de pastor (por isso o báculo é chamado também cajado), o Bispo sem licença especial não o pode usar em outra diocese. Usam o báculo também os Abades, certos Prelados titulares e as abadessas, mas estas hoje, como excepção, só em alguns mosteiros”. (Röwer, 1947, p. 36).

No manuscrito: “Hum bago Episcopal deprata com sua cayxa demadr.^{am}”. (Fl. 12r, l. 14).

{4r-22; 12r- 14}.

BALCEMO (1) [Bálsamo].

1: “Balsamo. Bálsamo. Derivase do Persiano *Bassam*, ou do Arabico *Belsan*, posto q̃ nos dittos idiomas tem as dittas palavras significação mais ampla; porque não só significação o licor, a que chamamos Balsamo, mas querem dizer qualquer oleo aromatico, ou goma odoritera”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 25).

2: “Bálsamo, especiaria odorífera e de efeito lenitivo. É misturado pelo Bispo ao óleo de olivas na bênção do santo crisma, na Quinta-feira Santa”. (Röwer, 1947, p. 37).

No manuscrito: “Huma cobertura decetim branco com sua espeguilha deouro p.^a oBal=|cemo dequintafr.^a mayor”. (Fl. 3v, l. 11-12).

{3v-11}.

BALSAMO (1) - {4r-37}.

BALSOMO (1) - {12r-33}.

BISPADO (4) [Bispado].

1: “Bispado. A dignidade Episcopal, ou beneficio, ou o territorio, e diocese do Bispo”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 128).

2: “Bispado (diocese), território circunscrito pela Santa Sé, dentro do qual o Bispo exerce a jurisdição espiritual com todos os direitos e regalias nas funções litúrgicas. A divisão do bispado, como a fusão de diversos, pertence igualmente à Santa Sé. (Dir. can. c. 215)”. (Röwer, 1947, p. 53).

No manuscrito: “em todo este Bispado onde eu aodiante nomeadofuj”. (Fl. 8r, l. 12).

{8r-12, 15; 8v-7; 12v-33}.

BORLA (2) [Borla].

{5v-2}.

1: “Borla. Molho de fios, ou de cordoenssinhos de seda, ou de outra materia pendentes dos quatro cantos da almofada de hum estrado, ou de huma liteira, ou das redeas dos cavalos, etc. [...] Borla, no meyo dos quatro cantos de hum barrete, como os que trazem os Doutores. Assim chamavaõ os Romanos huma especie de borla, que os Sacerdotes, ou Flamines traziaõ sobre a cabeça no meyo do barrete”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 161).

No manuscrito: “HumcoximdeVeludoRoxo com galoinseborlasdeouro”. (Fl. 3v, l. 13).

{3v-4, 13}.

BREVIARIO (1) [Breviário].

1: “Breviário. O livro, em que se contem a reza Ecclesiastica. Chamase Breviario, porque he huma como breve summa, ou compendio de todos os livros, que servem no coro para o Officios Divino”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 190).

2: “Breviário (l. *breviarium* = *súmula*, *resumo*), livro que contém o Ofício divino que o Beneficiado, o Clérigo, desde a sua ordenação para Subdiácono, e o Religioso com votos solenes deve rezar todos os dias. O nome Breviário data do XII século, em que se começou a coleccionar, para o uso privado e para as viagens, num só livro, as partes necessárias, sofrendo estas ao mesmo tempo importantes abreviações”. (Röwer, 1947, p. 53).

No manuscrito: “Humbreviario grande doCoro encadernado em Cordavaõ preto”. (Fl. 5v, l. 2).

C c

CAPA DAS PERGES (8) [Capa de asperges].

1: “Capa de asperges, de que usão os Sacerdotes nas procissões, e em outras ceremonias de Igreja. O termo, de que usa a Igreja, he *Vestis pluvialis*”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 117).

2: “Capa de Asperges (l. *pluviale, cappa*), manto grande sem pregas e acolchetado adiante, com uma peça, em forma de escudo (*clipeus*) nas costas, na qual se acha, frequentemente, um monograma mais ou menos ricamente bordado, e com tiras verticais, simples ou bordadas, nos dois

lados da frente. Usavam-na antigamente os cantores no presbitério da igreja, o sacerdote ao incensar o altar, durante o Benedictus e Magnificat, nas Vésperas solenes, nas procissões, nas bênçãos solenes e nos Sínodos. Hoje é usada, além disso, na bênção sacramental, nas exéquias e na aspersão dos fiéis, antes da Missa de domingo, donde lhe vem o nome de Capa de Asperges. Também os simples clérigos podem usá-la”. (Röwer, 1947, p. 61).

No manuscrito: “Huma capa das perges de melaniacomguarniçãodeouro”. (Fl. 1r, l. 38).

{ 1r-16, 38; 1v-18, 31; 2r-10; 2v-31; 7r-3, 6}.

Figura 3: Capa das perges (Capa de asperges)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

CABBIDO (3) [Cabido].

1: “Cabido. O Reverendo Cabido he o corpo de todos os Conegos de huã Igreja Cathedral. Cabido, em algumas partes do Minho he Alpendre”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 17).

2: “Cabido (l. *capitulum*), corpo de clérigos (cônegos), instituído para celebrar solenemente o culto nas igrejas catedrais e colegiadas. Os cabidos catedrais forma o senado e conselho do Bispo e fazem as suas vezes no governo da diocese quando estiver vaga. Sobre as attribuições, prerrogativas, etc., dos cabidos, V. *Dir. can. cc.* 391 a 422 e outros”. (RÖWER, 1947, p. 55).

No manuscrito: “Quatro bancos de encosto p.^a sesentar o R.^{mo} Cabido”. (Fl. 11v, l. 13).

{10v-36; 11v-13; 12r-20}.

CABIDO (1) - {2r-20}.

CALDEYRINHA (4) [Caldeirinha].

1: “Caldeirinha. Pequena cladeira. Caldeirinha de agua benta. Usavaõ os Romanos de hum pequeno vaso, em que punhaõ a agua lustral (como nos a aguabenta) com que se imaginavaõ, que se livravaõ de perigos, e chamavaõ ao ditto vaso Amula, ad amoliendis periculis”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 54-55).

2: “Caldeirinha, pequeno vaso de metal, com alça para água benta”. (RÖWER, 1947, p. 55).

No manuscrito: “Huma Caldeirinha de estanho quebrada”. (Fl. 6v, l. 26).

{6r-32; 6v-26; 12r-34; 12v-6}.

CALDEYRA (2) - {4v-11, 29}.

CALIX (7) [Cálice].

1: “Calis, ou Cáliz. O P. Ant. Vieira sempre escreve Calis com S, e nam com Z, no cabo. De ordinario por esta palavra se entende o vaso, em que se consagra no Altar o Sangue de N. Senhor JESU Christo”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 62).

2: “Cálice, vaso em que o sacerdote consagra, na Missa, o SS. Sangue de N. Senhor. Distinguem-se no cálice a copa, o nó e o pé. Para a confecção do cálice usava-se, durante muitos séculos, de qualquer matéria, preciosa ou não, mesmo de madeira e vidro”. (RÖWER, 1947, p. 56).

No manuscrito: “Quatro Caliz de prata, hum delles dourado todo, outro de prata Simples”. (Fl. 6r, l. 33).

{11r-34; 12r-15, 16, 19, 22; 12v-8, 12}.

CALIZ (5) - {4r-27, 29, 30, 31; 6r-33}.

CALLIZ (1) - {4r-24}.

Figura 4: Calix (cálice)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

CANDELLA (5) [Candeia].

1: “Candeia, vela de cera, pelo menos em sua maior parte, para as funções litúrgicas. Na Missa rezada do simples sacerdote ardem duas, na do Bispo e outros Prelados maiores quatro, na Missa cantada e na exposição do SS. sacramento pelo menos seis candeias. Se a exposição for muito solene, p. ex. durante horas, devem arder pelo menos doze”. (RÖWER, 1947, p. 58).

No manuscrito: “Humacandella deprata”. (Fl. 4v, l. 18).

{4v-18; 12r-40}.

CANDIEYRO DAS TREVAS (1) [Candeeiro de Trevas].

1: “Candeeiro das trevas. Vid. *Gallo*”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 99). > “Gallo das trevas. He a vela do meyo no candieyro triangular, que se poem no tempo dos officios das trevas tardes da semana santa”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 22).

No manuscrito: “HumCandieyro das Trevas”. (Fl. 5r, l. 5).

{5r-5}.

CAPA PLUVIAL (4) [Capa Pluvial].

1: “Pluvial. (Termo das Rubricas da Igreja.) Deriva-se do Latim *Pluvia*, que quer dizer Chuva, e he a vestidura Sacerdotal, que vulgarmente chamamos Capa de Asperges. Foy chamada Pluvial, porque se leva nas procissoens fóra da Igreja, e he defensivo da

chuva”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 554).

No manuscrito: “Humacapa Pluvial de melania branca com guarniçaõdeouro”. (Fl. 2r, l. 22).

{2r-22; 2v-2; 3r-3}.

Ver Pluvial.

CARDENCIA (5) [Credência].

1: “Credência. Mesa, em que se poem a estante do Missal, as galhetas, e outras cousas, que servem para o ministerio da Missa”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 604).

2: “Credência ou ábaco (l. *abaciis*), mesinha ao lado da Epístola do altar, um pouco afastada da parede, coberta com uma toalha de linho, que em todos os lados deve pender até ao chão, para nela serem colocados, durante a Missa solene, o cálice preparado no centro (até ao Ofertório), o Evangeliário à direita, as galhetas com manustérgio e a campainha à esquerda e por detrás os castiçais, tudo, menos os castiçais, coberto até ao Ofertório com o véu de ombros. Tratando-se de Missas não solenes e para receber apenas as galhetas, a credência achase, às vezes, substituída por uma espécie de peanha, presa ao altar ou por um nicho na parede”. (RÖWER, 1947, p. 79).

No manuscrito: “Duas Cardencias velhas q. Seachaõ no altarmor”. (Fl. 6v, l. 14).

{4r-19; 6v-14; 7r-29, 34; 10v-10}.

Figura 5: Cardencia (credência)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

CATHEDRAL (14) [Catedral].

1: “Cathedral, ou Catedral. Igreja Catedral. He a Igreja, em que reside Bispo, ou Arcebispo. A Cathedral. Val o mesmo que a Sè. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 199).

2: “Catedral (l. *ecclesia cathedralis, maior, summa*), igreja principal e matriz de toda a diocese com a cátedra do Bispo. Os italianos chamam-na *duomo*, os alemães *Dom*, da palavra latina *domus = casa*”. (RÖWER, 1947, p. 64).

No manuscrito: “hade declarar | nadeclaração ã. sefas detoda a prata pertencente aCatedral”. (Fl. 11r, l. 27-28).

{1r-5; 5v-16; 8r-13, 21; 8v-5; 10r-5, 6; 11r-28, 32; 11v-3, 4; 12v-18, 39; 13r-26}.

CAZULLA (11) [Casula].

1: “Casula. A sagrada Vestidura, que o Sacerdote leva ao altar, sobre a alva, para dizer Missa. He em memoria da injuria, que foy feita ao nosso Redemptor, quando em casa de Pilatos lhe puzeraõ aos hombros por

escarneo a purpura velha”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 193).

2: “Casula (l. *planeta* do gr. *planao = girar*; *càsula* = diminutivo da palavra desusada *casa = tenda*; nos fins da idade média também *infula*), veste superior litúrgica do sacerdote na celebração da Missa. Tem esta veste sua origem na antiga *paenula* profana que era um manto que envolvia todo o corpo, descia até aos tornozelos e tinha só a abertura para a cabeça passar. Com esta forma, tendo como enfeite apenas uma tira de galão para cobrir a costura da frente, e mais tarde um riçado em volta da abertura, a casula era veste litúrgica nas funções sacras para todos os clérigos do V ao X séculos, com algumas restrições para o Diácono, Subdiácono e Leitor. Desde então passou para o uso exclusivo do sacerdote na Missa, pelo que é chamada também *paramento de Missa*”. (RÖWER, 1947, p. 63).

No manuscrito: “SettecazullasdeDamasco com guarnição de retrôs”. (Fl. 2r, l. 28).

{1r-18, 39; 1v-19, 32; 2r-11, 23, 28; 2v-3, 7, 24; 3r-4}.

CAZULA (3) - {7r-15, 19; 11v-5}.

Figura 6: Cazulla (Casula)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

COMUNHAÕ (3) [Comunhão].

1: “Communham. Communhaõ. A açãõ de commungar. O nome communhaõ *Commumo*, naõ he inventado por homens, se naõ imposto por Deos, e val o mesmo, que *Communis unio*, Uniaõ commua. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 406).

2: “Comunhão, união com N. Senhor pela recepção da Sagrada Eucaristia. Presente está Jesus com corpo e sangue sob cada uma das espécies de pão e vinho e sob ambas o recebe o sacerdote celebrante, e o Diácono e Subdiácono na solene Missa papal. Fora estes casos comungam clero e fiéis sob a espécie somente de pão”. (RÖWER, 1947, p. 69).

No manuscrito: “Huma ambula depratado Sacratio de distribuir a Sagrada Comunhao”. (Fl. 6r, l. 36).

{3v-30; 6r-36; 7v- 26}.

CONFICIONARIO (2) [Confessionário].

1: “Cõfessionário. O lugar, em que se assenta o Sacerdote para ouvir de confissãõ”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 454).

2: “Confessionário, assento com uma ou duas paredes laterais, com grade perfurada ao meio, para o sacerdote ouvir a confissão sacramental dos fiéis. Segundo prescreve o Ritual, deve ser colocado em lugar aberto e acessível por todos, sem ser de preceito um sítio determinado. Era o confessionário antigamente apenas um mocho ou cadeira com braços, posta por detrás do altar-mor, em frente do mesmo, ou na nave da igreja”. (RÖWER, 1947, p. 72).

No manuscrito: “Dous Conficionarios grandes”. (Fl. 11v, l. 16).

{6v-15; 11v-16}.

CONIGO (2) [Cônego].

1: “Cônego, e Canonico, se derivaõ do Grego *Canon*, que val o mesmo, que Regra, porque os primeyros conegos, ou canonicos, de que a Historia Ecclesiastica, e nos Concilios se faz menção, com o nome de Canonici, eraõ clericos, que viviaõ com seus Bispos, guardado com regular observancia certo modo, e instituto de vida, com que se distinguiã dos outros clericos, que viviaõ sem esta regra, e livres destas obrigaçoens”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 415).

2: “Cônego (l. *canonicus*, de *canon = regra*), sacerdote secular pertencente ao cabido”. (RÖWER, 1947, p. 72).

No manuscrito: “O R.^{do} | Conigo Ioaõ deCampos Lopes Torres”. (Fl. 6r, l. 15-16).

{5r-31; 6r-16}.

CONEGO (1) - {12v-32}.

CORO (10) [Coro].

1: “O lugar da Igreja, em que se cantaõ os Officios Divinos. Chorus. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 553).

2: “Coro, i) os cantores nas funções litúrgicas. Dá-se-lhe também, principalmente depois do Motu-proprio de Pio X sobre a música sacra, o nome de *schola cantorum*, como era antigamente. Hoje, geralmente, os cantores são leigos, quando até à idade média eram clérigos; ii) o lugar onde canta o coro litúrgico; iii) os cônegos de catedrais e colegiadas e os religiosos nas funções sacras conventuais (Ofício divino, Missa); iv) o lugar onde se realizam as funções sacras conventuais. Fica este lugar (com os assentos) ou por detrás do altar-mor, ou em sua frente, na capela mor, ou fora dela. Nos antigos conventos do Brasil o coro para a recitação do Ofício está situado por cima da entrada (alpendre) da igreja; v) as funções sacras conventuais”. (RÖWER, 1947, p. 77).

No manuscrito: “Tres livros doCanto chaõ p.^a oCoro” (Fl. 5r, l. 35).

{2r-30; 2v-9; 4v-12, 32, 33; 5r-35; 5v-2, 10; 6v-19; 11v-14}.

CORPORAL (26) [Corporal].

1: “Corporal. Panno bento, sobre o qual se poem a Hostia no altar”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 560).

2: “Corporal, pano quadrangular, de linho ou cânhamo, com cruz no centro, de regulares dimensões, sem ornato, para dentro e fora da Missa ser colocado sobre ele a sagrada Hóstia e o cálice. Lembra os panos em que estava envolvido N. Senhor, depois de sua morte. Deve ser bento por quem tenha faculdade e, depois do uso, purificado pelo sacerdote ou clérigo, antes de ser enviado à lavagem. O modo de dobrar o Corporal é o seguinte: Dividindo-o em três partes, dobra-se primeiro a parte da frente (para cobrir qualquer partícula que tivesse ficado), depois a de trás, em seguida a do lado direito e, por último, a do lado esquerdo. Guarda-se o Corporal na Bursa. O Corporal é dos paramentos o mais antigo e era tão grande que cobria todo o altar”. (RÖWER, 1947, p. 78).

No manuscrito: “Humabolça deCorporal deCeda deOuro branca já Vzada”. (Fl. 7v, l. 10).

{1r-25; 1v-9, 24, 37; 2r-16, 31; 2v-10, 29; 3r-10, 24; 3v-31, 32, 33, 34, 35; 7v-4, 10, 13, 35; 10r-20, 34; 10v-2, 16, 26, 42; 11r-5}.

COXIM (3) [Coxim].

1: “Coxim, Coxim de estrado. Almofada. Coxim de Dourador. He a modo de huma almofadinha, em que estendem cõ huma faca os paens de ouro, para assentalos no mordente”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 598).

No manuscrito: “Tres coxins de Damasco roxo p.^a a Semana S.^{ta} Vzados”. (Fl. 7r, l. 10).

{3v-13, 15; 7r-10}.

CROCCIFICIO (1) [Crucifixo].

1: “Crucifixo. Hum Crucifixo, ou o Santo Crucifixo. A Imagem de nosso Senhor Jesv Christo crucificado”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 619).

2: “Crucifixo, cruz com o corpo de N. Senhor pendurado. A mais antiga representação existente da crucificação, atribui-se ao V e a mais antiga cruz com N. Senhor, ao VI século”. (RÖWER, 1947, p. 80).

No manuscrito: “Imagem decroccificio deprata”. (Fl. 4r, l. 15).

{4r-15}.

Figura 7: Croccificio (crucifixo)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

CRUZ (11) [Cruz].

1: “Cruz, Crùz. Antigo patibulo dos malfeytores, em varis naçoens do mundo, e de differente figura segundo a varidade dos tempos. As primeiras cruzes erão huns madeyros direyτος, e às vezes troncos de arvores, em que atavão de pés, e mãos o padecente. As cruzes, compostas de dous páos, forão de tres maneyras, i. de hum páo atravessado pelo meyo de outro, como a letra X. ii. de hum páo atravessado pela extremidade superior de outro páo a plumo, como a letra T. iii. de hum páo direyto, e atravessado por outro, não totalmente por cima delle, mas deyxando hum pedaço livre, e mais alto, que os braços da cruz como nesta figura † o que se pode facilmente provar com a Cruz de Jesv Christo, em cuja summidade havia no meyo hum espaço, em que sobre a cabeça de Christo, pendente na Cruz, mandou Pilatos pôr a fatal inscripção, reputada por causa legitima de sua morte. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 620).

2: “Cruz, patíbulo sobre o qual Jesus morreu. Não se deve admirar que nos primeiros séculos a cruz não se encontre como símbolo na Liturgia, a não ser veladamente em forma de monograma (cruz dissimulata) sómente inteligível aos cristãos: era o sinal de vergonha e humilhação, um escândalo para pagãos e judeus. Tanto mais foi empregada depois da vitória do cristianismo, contribuindo extraordinariamente para sua veneração, na pintura e representações, a invenção da Santa Cruz, em jerusalém. Emprega-se hoje oficialmente a Cruz, com (Crucifixo) ou sem corpo (Cruz)”. (RÖWER, 1947, p. 80).

No manuscrito: “Huma Imagem do S.^{to} Christo de marfim Com Cruz degalhos” (Fl. 6r, l. 20).

{3r-13, 15; 3v-14; 4r-16; 5r-20; 6r-20, 22, 30; 7r-7, 14; 11r-37}.

Figura 8: Cruz (cruz)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

CRUZ PEITORAL (1) [Cruz peitoral].

1: “Cruz peitoral, se chama a que orna o peito, com a que trazem os Bispos. A Cruz peitoral (dos Bispos) he memoria da Payção de Christo. Enchese de Relíquias, para mostrar o quanto abraça o Bispo o exemplo dos Martyres, e mais Santos”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 372).

2: “Cruz peitoral, ou simplesmente peitoral, cruz de ouro, com relíquias, pendente de uma corrente de ouro ou cordão de seda, que desde a idade média (obrigatória desde o XIV século) trazem sobre o peito os Cardeais, Bispos, Abades e, posteriormente, outros que por privilégio usam as insígnias pontificais, com a diferença que os três primeiros trazem-na sempre, os últimos somente quando celebram pontificalmente”. (RÖWER, 1947, p. 80).

No manuscrito: “Humacruz peitoral deOuro com trancelim de retros branco”. (Fl. 4r, l. 32).

CRUZ PROCISSIONAL (2) [Cruz processional].

1: “Cruz processional, cruz com haste que, alçada, é levada diante das diversas corporações que tomam parte nas procissões”. (RÖWER, 1947, p. 81).

No manuscrito: “HumaCruz Procissional deprata ã peza”. (Fl. 11r, l. 36).

{11r-36; 12v-5}.

CRUZ PROCISSIONAL (1) - {4r-15}.

{4r-32}

Figura 9: Cruz procissional (cruz processional)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

CUSTODIA (4) [Custódia].

1: “Custodia. Vaso de prata, ou ouro, cujo remate circular, em que está a Hostia Consagrada debaixo de hum cristal, tem seu resplendor, a modo de Sol. Serve de expor no altar à vista dos Fieis o Santissimo Sacramento. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 647).

2: “Ostensório ou Custódia (l. *ostensorium, monstrantia*), objecto cultuai para a exposição solene e procissão do SS. Sacramento. Consta de pé, haste e o vaso em cima, que no centro tem abertura, fechada em ambos os lados com vidro, para dentro ser colocada a luneta com a Sagrada Hóstia. Está em uso o ostensório desde que se introduziu a procissão do Corpo de Deus e com isto a exposição solene do Santíssimo, isto é, desde o XIV século”. (RÖWER, 1947, p. 172).

No manuscrito: “Huã Custodia Romana dourada q̃. pesaComos vidros”. (Fl. 12r, l. 23).

{3v-6; 4r-34; 5r-3; 12r-23}.

Figura 10: Custodia (custódia)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

CYRIO PASCAL (1) [Círio Pascal].

1: “Círio Pascoal, Brandão de cera, muito grosso, de hum só pavio, que o Diacono benze, cantando o Preconio, no principio do officio do Sabbado Santo, e juntamente o acende inclinando-o para huma das tres velas do triangulo; no qual se denota o consenso da Santissima Trindade na Ressurreyção de Christo, e reunião da alma com seu corpo. Das virtudes milagrosas do Círio Pascoal, dos dias em que se acende, e persevera aceso, segundo o rito de varias Igrejas, e de outros particulares delle. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 295).

No manuscrito: “Sinco pinhas de Incenço p.a oCyrio Pascal”. (Fl. 5r, l. 27).

{5r-27}.

SYRIO PASCAL (1) - {5r-6}.

D d

DALMATICA (5) [Dalmática].

1: “Dalmática. Vestidura sagrada; de que usaõ os Clerigos de Evangelho, e de Epistolas, nas Missas solemnes, Procissoens, e outras funções Ecclesiasticas”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 3, p. 5).

2: “Dalmática, veste litúrgica superior do Diácono. Era a dalmática, a princípio, uma túnica branca de linho ou lã, ampla, descendo até aos calcanhares, de mangas largas e compridas, com tiras purpúreas de adorno na frente e por detrás, e nas mangas. Os romanos adoptaram-na, no II século, como veste de luxo, dos dálmatas e daí o nome. [...] A dalmática tornou-se veste litúrgica provavelmente já no III século, mas ficou reservada para o Sumo Pontífice e

depois para seus Diáconos. Posteriormente, com a adopção sempre mais geral no Rito romano, introduziu-se em todo o Ocidente, de modo que no século IX era veste litúrgica de todos os Bispos que a traziam e trazem por baixão da casula, nas Missas pontificais e nas ordenações (para significar que reúnem em si todos os graus do sacerdócio) e dos Diáconos. Estes, porém, não a vestem no Advento e na Quaresma, substituindo-a, ou não, pela planeta”. (RÖWER, 1947, p. 83).

No manuscrito: “Duas Dalmaticas de Damasco com guarnição de retrôs”. (Fl. 2r, l. 27).

{1r-24; 1v-8; 2r-27; 2v-6, 24}.

DEALMATICA (2) - {10r-24, 30}

Figura 11: Dalmatica (dalmática)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

DIRECTORIO DO CORO (1) [Diretório do coro].

1: “Directório. Papel, o livro, em que se declaraõ as leys, que alguém há de seguir”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 3, p. 235).

2: “*Directorium* (l.) V. Calendário”. (RÖWER, 1947, p. 87) > “ii) o folheto (folhinha) que a autoridade competente (Bispo, Abade, Provincial) publica todos os anos e no qual, para cada dia, se explica o rito de recitar o Ofício divino e de celebrar a S. Missa nas domingos, festas e férias conforme as rubricas gerais e especiais. Chama-se este folheto também Ordo, isto é, ordem a observar no Ofício e na Missa. Tem ainda o nome de *Directorium*, talvez porque sob este nome (*Directorium divini officii*) o Franciscano Ludovico Ciconiolo editou primeiro as rubricas gerais do Breviário. O sacerdote, excepto os Cardeais e Bispos, deve conformar-se, na celebração da Missa, com o Ordo da igreja em que celebra, indique este embora outra Missa que a do Ordo próprio”. (RÖWER, 1947, p. 56).

No manuscrito: “Hum Directorio do Coro”. (Fl. 5v, l. 10).

{5v-10}.

DOCEL (7) [Dossel].

1: “Docel do Altar. He o que suspenso no ar, cobre o Altar, e o Sacerdote, quando está celebrando”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 9, p. 325).

2: “Baldaquino (*dossel, sobrecéu*). O nome é derivado da palavra italiana *baldachini* = estofos orientais de seda, vindos da cidade de Bagdad e usados para a confecção dos paramentos sacros) i) grande pano rectangular de seda branca com sanefas franjadas, sustentado por quatro ou seis varas, ou um tecto fixo plano ou levemente chanfrado, ornado com ricos panos bordados, sustentados por varas (pálio). O

seu uso é obrigatório nas procissões públicas para servir de cobertura para o Santíssimo, as relíquias da S. Cruz ou outros instrumentos da Paixão e para o Bispo, na recepção solene. É conhecido desde o XII século. ii) cobertura (dossel) do altar, em substituição do cibório (grego = *kibôrion*). Era ora um simples pano estendido por cima do altar (pálio, véu, cortina), ora um teto plano e fixo, de madeira, ou um pano, firmado por varas, na parede, ou sustentado pelo retábulo, ora um tecto plano ou cuneiforme, de madeira ou pano, pendurado por cima do altar por meio de uma corrente ou corda. Somente esta última forma se conservou; mas, apesar de sua prescrição pelo Cerimonial romano para os altares que não têm cibório, o seu uso se limita a algumas igrejas da Itália. iii) dossel do trono dos Cardeais, Bispos, Abades e Prelados nullius”. (RÖWER, 1947, p. 36).

No manuscrito: “Hum Docel de Damasco com guarnição de retrôs”. (Fl. 2r, l. 5).

{1r-30; 1v-13; 2r-5; 3v-3; 4v-25; 10r-27, 38}.

Figura 12: Docel (dossal)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

E e

EPISTOLA (1) [Epístola].

1: “Epístola. Epistola he palavra apropriada às cartas Gregas, e Latinas dos Antigos, e sobre tudo às cartas dos Apostolos, e dos Padre da Igreja, como tambem às Dedicatorias dos livros. As Epistolas de S. Pedro, S. Paulo, S. Joaõ, Santiago, e S. Judas fazem huma boa parte do Testmento novo, e são geralmente chamadas Apostolicas; mas excepto as de S. Paulo, as mais se chamaõ particularmente Catholicas, porque não são como as outras dirigidas a Igrejas, ou a pessoas particulares, mas a todos os Fieis em geral”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 9, p. 385).

2: “Epístola, uma lição do Antigo ou Novo Testamento (não dos Evangelhos) que precede o primeiro Evangelho da Missa. Chamava-se antigamente apostolus, hoje Epístola, porque é geralmente tirada das Epístolas dos Apóstolos. Como ainda hoje no Rito grego, era a Epístola também no Rito romano uma lição contínua, isto é, uma a continuação da outra, ficando a extensão do trecho a ler à discrição do Bispo. Desde o IV ou V século os trechos são escolhidos e designados no índice epistolar: para serem procurados na Bíblia. De alguma maneira, quanto ao conteúdo, estavam em harmonia com o Evangelho. Antes da Epístola lia-se, até ao VI século, outra lição do Antigo Testamento, uso que se conservou apenas nos dias com carácter de penitência”. (RÖWER, 1947, p. 95).

No manuscrito: “Huml.^o deEvang.^{os} eEpistolas encadernado emCarnr.^{as}”. (Fl. 5r, l. 39).

{5r-39}.

ESTOLLA (9) [Estola].

1: “Estola. Derivase do Grego *Stoli*, antiga vestidura de matronas, que cobria todo o corpo até os pés, e *Stoli* se deriva do verbo Grego *Stellomai*. Esta vestidura, chamada *Stola*, não só era propria das matronas, mas tambem era usada dos Reys; e elles a concediaõ a subditos benemeritos, como premio da virtude. Na Grecia tambem os homens traziaõ estola, e no livro ultimo das *Metamorphosis* diz Apuleio, que na antiga Gentilidade era a *Stola*, vestidura Sacerdotal”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 3, p. 326).

2: “Estola. (l. *stola* = *veste, orarium*, de *os* = *boca*, toalha para enxugar o rosto), paramento litúrgico em forma de tira comprida, de uns 8 a 10 centímetros de largura, geralmente mais larga nas extremidades, com cruz no meio ou também nas pontas. É colocada no ombro esquerdo, a tiracolo, por baixo da dalmática e por cima da alva ou sobrepeliz, pelo diácono; pendente dos ombros e cruzada sobre o peito, por baixo da casula e por cima da alva, ou, sem cruzamento, por cima da sobrepeliz, pelo sacerdote; pendente dos ombros, sempre paralelamente na frente, pelo Bispo. Antigamente de linho ou lã e de cor à vontade, acompanha hoje a casula na fazenda e cor litúrgica. (RÖWER, 1947, p. 98).

No manuscrito: “Settecazullas com suas estolas”. (Fl. 2v, l. 23).

{1r-18, 39; 1v-19, 32; 2r-11; 2v-23; 3r-4, 25, 30}.

Figura 13: Estolla (estola)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

ESTOLLAÕ (4) [Estolão].

1: “Estolão, banda roxa, larga, sem cruz no meio, com que o diácono substitui, desde o Evangelho até à Comunhão, a plànetã dobrada, durante a Quaresma e outros dias de penitência, nas catedrais e outras igrejas maiores”. (RÖWER, 1947, p. 99).

No manuscrito: “hum estollaõ Comgallaõ efranja”. (Fl. 10v, l. 31).

{3r-8, 22; 7r-9; 10v-31}.

ESTOLLAM (1) - {10v-5}.

F f

FALDISTORIO (4) [Faldistório].

1: “Faldistório. Assento do Bispo, ou do Abbade mitrado no altar da parte da Epistola, em reverencia da cadeyra, que na parte do Evangelho occupa lugar mais honorifico. Sentaõse os Bispos no faldistorio nos lugares, qm que celebraõ com solemnidade, mas sem jurisdicaõ, ou quando nas proprias Dioceses assiste alguma dignidade Ecclesiastica superior, ou quando daõ ordens pondose diante do Altar, ou celebrando dia de sesta Feyra mayor, em memoria, e veneraçã da Sagrada morte, e paixã do Senhor. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 17).

2: “Faldistórlo (l. *faldistorium*, latinizado do al. *Faltstuhl* = cadeira de dobrar), cadeira de madeira, raramente de metal, sem espaldar, mas com encosto para os braços, com cobertura de seda, cuja cor corresponde à dos paramentos. Distingue-se hoje da cátedra do Bispo no trono apenas por não ter espaldar e ser mais baixo. Antigamente os pés se cruzavam no meio e permitiam dobrá-la, e daí o nome. O Bispo usa o faldistório, ao lado da Epístola, na Sexta-feira da Paixão, nas funções em que deve directamente olhar para o altar ou para o povo e nas funções fora de sua diocese, caso não lhe tenha sido concedido o trono pelo Bispo diocesano”. (RÖWER, 1947, p. 104).

No manuscrito: “Hum Faldistorio damesma melaniaeguarniçaõ”. (Fl. 1v, l. 6).

{1v-6, 23, 36; 2r-15}.

FRONTAL (13) [Frontal].

1: “Frontal. Frontal do altar. O paramento de seda, ou outra materia, com que se orna a parte dianteira do altar. A cor delle hã de ser vermelha, branca, roxa, verde, ou negra, segundo o prescrevem as rubricas da Igreja”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 218).

2: “Frontal (l. *frontale*, *antependium*), ornamento amovível que cobre a frente da base do altar. Ao passo que nos Ritos orientais até hoje todas as faces da base do altar ficam cobertas com panos, no Ocidente o uso era diferente nas diversas épocas. A princípio cobnam-se todas as faces, depois a frente e as faces laterais e, desde o século XI, apenas a frente. A matéria que se usava para o frontal era metal (ouro, prata, cobre dourado), madeira, couro, pano, seda e tinha-se cuidado em ornar o frontal com toda a preciosidade, não faltando, além do ouro, pérolas e pedras preciosas”. (RÖWER, 1947, p. 111).

No manuscrito: “Hum frontal deDamasquilhoVerde q̄. Servía nod.º altarmor”. (Fl. 7r, l. 27).

{2r-24, 35; 2v-14, 15, 22; 3r-11, 20; 7r-27, 30, 33, 34; 10v-8, 30}.

G g

GALHETA (7) [Galheta].

1: “Galhêta. Pequeno vaso de vidro, ou metal, com que se dá o vinho, e a agoa para o sacrificio da missa, ou em que se poem o azeite, e vinagre nas mesas”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 16).

2: “Galhetas, duas ampulas de cristal (de ouro ou prata são apenas toleradas), com ou sem asa, geralmente bojudas, para o vinho da

consagração e a água, a ser misturada ao vinho e servir nas purificações e abluções. Sendo feitas de metal é costume marcar uma das galhetas com a letra V (vinho), a outra com A (água)”. (RÖWER, 1947, p. 112).

No manuscrito: “Outro par degalhetas Louca da India m.to velhas”. (Fl. 6v, l. 7).

{4r-26; 4v-27; 6v-6, 7; 11v-15; 12r-18, 30}.

Figura 14: Galheta



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

GREMIAL (4) [Gremial].

1: “Gremial. Gremiál. Especie de frontaleira de seda que nos Pontificaes se poem sobre os juelhos do Bispo, quando está sentando no tempo dos officios divinos. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 130).

2: “Gremial. (l. *gremiale*), pano a deitar sobre o regaço (l. *gremium*) do Bispo, na Missa pontifical, durante o canto do Kyrie, Glória e Credo, para sobre ele colocar as mãos e durante as unções nas ordenações, na distribuição das cinzas e candeias bentas, para proteger a casula. Embora hoje paramento exclusivamente pontifical, em alguns países o costume autoriza também os simples sacerdotes a usá-lo na Missa, como na idade média faziam geralmente. Para a Missa pontifical o Gremial deve ser de seda e da cor dos paramentos, nas outras funções de linho”. (RÖWER, 1947, p. 113).

No manuscrito: “Hum Gremial da mesma melania, eguarniçaõ”. (Fl. 1v, l. 5).

{ 1v-5, 22, 35; 2r, 14 }.

GRAMIAL (1) - { 1r-22 }.

H h

HOSTIA (7) [Hóstia].

1: “Hostia immaculada, he o verbo divino, sacrificado no altar da Cruz a seu eterno Pay pellos peccados dos homês. Hostia consagrada, he o corpo de N. Senhor. Iesu Christo. Sacramentado de baixo das especies do paõ, e do vinho. Hostia, tambem se chama o paõ, que o sacerdote leva ao altar, para cõsagrar”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 66).

2: “Hóstia (l. *hostia, oblata*), o pão feito de farinha pura de trigo e água, a consagrar na Missa. Cristo consagrou em pão ázimo e provàvelmente os Apóstolos fizeram o mesmo. [...] São feitas estas hóstias (grandes para a Missa, pequenas para a Comunhão dos fiéis) com o ferro de hóstias, tendo elas num lado uma cruz ou cordeiro e a grande frequentementu no verso leves cortes para facilitar a fração. Fazer as hóstias competia antigamente aos sacerdotes e ao clero, que as preparavam, vestidos de amicto e alva, cantando salmos; depois passou o encargo para pessoas de confiança”. (RÖWER, 1947, p. 116).

No manuscrito: “Huma roda de marfim p.a seCortarem hostias nella”. (Fl. 5r, l. 11).

{4v-14, 30; 5r-11, 12, 14; 6v-25; 12r-36}.

I i

IMAGEM (6) [Imagem].

1: “Imagem. Retrato, ou representação de alguém, ou de alguma cousa. Imagem, propriamente se diz de Santo; e não se diz, a imagem del-Rey; mas o retrato del-Rey. E quando he obra de Escultor, melhor fora dizer Figura, ou Estatua, do que Imagem”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 54).

2: “Imagens, são, na igreja, não apenas um ornato, mas objecto de culto. Diante delas se acendem velas, fazem-se inclinações e orações, elas são enfeitadas, incensadas e conduzidas publicamente em procissão. Este culto, porém, é relativo, isto é, não tributado à imagem, mas àquele que por ela é representado”. (RÖWER, 1947, p. 117).

No manuscrito: “Huma Imagem grande de S. Iozé Com Seo menino IESVS”. (Fl. 6r, l. 28).
{4r-15; 6r-20, 23, 25, 27, 28}.

Figura 15: Imagem de Santo Antônio



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

INCENÇO (1) [Incenso].

1: “Incenso. Goma aromatica, e cheirosa, ou especie de rezina branca, ou amarella, que se tira por incisaõ do troco de huma Arvare, a qual se cria na Arabica felice, particularmente em hũs bosques da Região de Sabá, e nos contornos da Cidade do ditto nome”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 86).

2: “Incenso, resina que, queimada, esparge fumo odorífero, frequentemente empregada nas funções litúrgicas para as incensações. É permitido misturar outras substâncias odoríferas, contanto que a parte maior seja incenso. O incenso, que ardendo se consome e em espirais perfumadas sobe às alturas, simboliza o sacrifício e as orações dos fiéis”. (RÖWER, 1947, p. 119).

No manuscrito: “Sinco pinhas de Incenço p.^a oCyrio Pascal”. (Fl. 5r, l. 28).
{5r-28}.

IZOPE (4) [Issope].

No manuscrito: “Huma Caldeyrinha Com Seo Izope, tudo deprata”. (Fl. 6r, l. 32).

{4v-11, 29; 6r-32; 12r-34}.

Figura 16: Caldeyrinha (caldeirinha) e Izope (issope)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

L 1

LAVATORIO (4) [Lavatório].

1: “Lavatorio, tambem se diz quando na Missa o Sacerdote lava as mãos depois do offertorio, ou quando os que commungarão, tomão hum sorvo de agua na mesa da Communhão”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 53).

2: “Lavatório ou Lavabo, aparelho, com toalha, pendurado na parede da sacristia, ou torneira com água encanada, para os ministros do altar purificarem as mãos”. (RÖWER, 1947, p. 130).

No manuscrito: “Quarenta equatro toalhas depano delinhop.^a lavatorio”. (Fl. 3v, l. 23).

{3v-23; 7v-24; 12r-41; 12v-11}.

LUVA (4) [Luva].

1: “Luva. Nas Missas de Pontifical com as luvas que o Bispo traz calçadas se allude às pelles de cabrito, com que Jacob alcançou do pay a benção, ou aos despojos da nossa mortalidade na pessoa do Verbo encarnado”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 212).

2: “Luvas pontificais (l. *Chiroteca*), como ornato litúrgico usadas na Missa pontifical, desde o princípio até ao Ofertório, pelos Cardeais, Bispos, Abades, etc. Aparece o uso litúrgico das luvas no X século. São elas feitas de seda (antigamente de linho), têm no dorso um ornamento e, em volta da entrada, largos canhões”. (RÖWER, 1947, p. 137).

No manuscrito: “Hum par deSapatos Luvas, emeyas da mesma melaniaeguarnicaõ”. (Fl. 1r, l. 26).

{1r-26, 1v-10, 25, 38}.

M m

MANIPLO (9) [Manípulo].

1: “Manipulo. Especie de estola pequena, que o Sacerdote para dizer Missa, poem no braço esquerdo. Significa o cordel, cordel com ã atãrão a Christo as mãos. Poem-se no braço esquerdo, para mostrar que ao depois da morte de Christo, ficou a parte esquerda a Ley Velha com todas suas ceremonias, ou porque as ceremonias se possã fazer se embaraço”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 296-297).

2: “Manípulo (do l. *manus* = mão, *implere* = encher, punhado), paramento litúrgico, comum ao clero de Ordens sacras, mas distintivo próprio do subdiácono. Consiste numa tira de seda da cor do paramento de 6 a 8 cm. de largura e de 80 a 90 cm. de comprimento, colocada sobre o antebraço

esquerdo, de modo que as duas pontas pendem em partes iguais, fim para o qual há por dentro um cadarço ou costura que une as duas partes pendentes e permite enfiar o braço. No meio há uma cruzinha e geralmente também, sem ser isso de preceito, nas duas pontas, que são franjadas e, às vezes, desproporcionalmente alargadas. É usado o manípulo na Missa e em algumas funções que se realizam em conexão com a Missa, mas nunca junto com a capa de Asperges”. (RÖWER, 1947, p. 139).

No manuscrito: “Tres estollas, e tresmaniplos Soltosdomesmo”. (Fl. 3r, l. 25).

{ 1r-18, 39; 1v-19, 32; 2r-11; 2v-23; 3r-4, 25, 30}.

Figura 17: Maniplo (manípulo)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

MANUSTERGIU (1) [Manustérgio].

1: “Manustérgio (do l. *manus* mão, *térgere* = enxugar), qualquer toalha, grande ou pequena, usada na purificação das mãos, antes, dentro e depois da Missa ou em outras funções litúrgicas. Na ordenação de

subdiácono é entregue ao ordenando uma pequena bacia com jarro (pratinho com as galhetas) e manustérgio, o que lembra o antigo ofício do subdiácono de servir ao celebrante na purificação das mãos”. (RÖWER, 1947, p. 139-140).

No manuscrito: “Quarenta e oito manustergius lizos”. (Fl. 4r, l. 11).

{4r-11}.

MARTRICOLOGIO (1) [Martirologio].

1: “Martyrológio. O livro que contem o catalogo dos Santos, e Martires da Igreja, e no qual se faz menção do seu nome, e do dia, e lugar em que morrerão, ou padecerão o martírio”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 349).

2: “Martirologio (do gr. *martyr* = mártir, e *eulogia* = louvor), compilação, para cada dia do ano, dos nomes dos Santos venerados em toda a Igreja, com ligeiras indicações sobre o lugar e as circunstâncias da morte e a veneração do Santo. O dia em que o Santo é registado ou é de sua morte (*dies natalis*), ou de seu enterro (*dies depositionis*), ou da trasladação de seu corpo (*dies translationis*). Mencionava esse catálogo, a princípio, apenas os santos mártires, e daí o seu nome”. (RÖWER, 1947, p. 140).

No manuscrito: “Hum Martricologio Romano”. (Fl. 5v, l. 8).

{5v-8}.

MATRAQUA (2) [Matraca].

1: “Matraca. Instrumento de pedaços de pao, que meneados fazem roido. Nos Conventos serve de desperta a matinas; e na semana Santa serve em lugar de sino desde Quinta feira de Endoenças até a manhã do Sabbado Santo. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 366).

2: “Matraca, ou Agiosimandro (l. *Crotalum*), instrumento de pau, constando de uma taboinha rectangular com ferros movediços em ambos os lados, o qual, agitado, produz grande bulha. Existem também outras formas. É usada a matraca

nos últimos três dias da Semana Santa, desde o Glória de quinta-feira até ao Sábado Santo, para chamar os fiéis e dar os sinais nas funções, visto não se tocarem neste espaço de tempo os sinos. O emprego da matraca é testemunhado já no século IX por Amalário. (RÖWER, 1947, p. 142).

No manuscrito: “Huma matraqua pequenacom argollas deferro”. (Fl. 4v, l. 34).

{4v-26, 34}.

MATRIZ (2) [Matriz].

1: “Matríz. Igreja matriz. A mais antiga, e cabeça das mais”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 369).

2: “Igreja-matriz (Igreja mãe), i) com relação aos fiéis que formam uma Igreja particular, a Igreja romana, que é a Cabeça e Mãe de todas as Igrejas (*Caput et Mater omnium Ecclesiarum*); ii) na linguagem comum, a Igreja paroquial, isto é, a igreja na circunscrição de uma freguesia, sagrada ou solenemente benta e destinada para o culto público dos paroquianos e o exercício das funções paroquiais. (RÖWER, 1947, p. 117).

No manuscrito: “afabrica daCathedral (?) | (?) daantigadaMatriz” (Fl. 12v, l. 40).

{6r-13; 12v-40}.

MENISTRO (5) [Ministro].

1: “Ministros que assistem ao Sacerdote no altar, são os dous Clerigos de Epistola, e Euangelho. Ministros de Deos na terra são os Reys, e Ministros dos Reys são os Magistrados, os Governadores, etc. Ministro dos Sacramentos he aquelle que os administra”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 499).

2: “Ministro do livro, da bugia, do báculo, da mitra, do gremial, clérigos ajudantes nas funções pontificais, o último somente na Missa. Na falta de clero suficiente fazem as suas vezes simples seminaristas ou coroinhas. (RÖWER, 1947, p. 144).

No manuscrito: “mandou elle dito Muito Reverendo Menistro”. (Fl. 12v, l. 19).

{6r-2; 8r-31; 12v-19; 13r-4, 24}.

MISSA (5) [Missa].

1: “Missa. Incruento sacrificio da Ley da Graça, no qual de baixo das especies do pão, e do vinho, por mãos dos Sacerdotes se offerece a Deos Pay o corpo, e sangue de seu Filho unigenito, Jesus Christo. As partes essenciaes da Missa são tres, a consecração, a oblação, e a consumpção”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 509).

2: “Missa (Sacrifício da Missa, Sacrifício eucarístico, Sacrifício do altar), o Sacrifício do Novo Testamento, no qual Jesus, real e verdadeiramente presente sob as espécies de pão e vinho, se oferece, pelas mãos do sacerdote como seu ministro, ao Pai celeste, de modo incruento, assim como o fez, de modo cruento, no Calvário, com o fim de perpetuar o Sacrifício de sua morte e de aplicar aos homens, permanentemente, os frutos do mesmo. A Santa Missa é essencialmente o mesmo Sacrifício da Cruz, porque idêntico é o sacerdote sacrificante: Jesus, sendo o sacerdote humano o ministro, o instrumento que age em nome, por ordem e em virtude de Cristo. Idêntica é também a vítima oferecida: Jesus, seu corpo e sangue. A diferença entre o Sacrifício da Missa e o da Cruz é accidental, estendendo-se apenas ao modo, cruento neste, incruento naquele. A palavra latina Missa significa o mesmo que missio, dimissio, isto e, despedida”. (RÖWER, 1947, p. 145).

No manuscrito: “Dous rituais, edous cadernos demissadedefuntos”. (Fl. 6v, l. 36).

{4r-30; 5v-3; 6v-36; 7r-20; 12r-20}.

MISSAL (12) [Missal].

1: “Missal. Livro, que no altar serve para se dizer Missa”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 511).

2: “Missal, livro litúrgico, que contém os formulários a empregar na celebração das Missas com as rubricas e cerimônias a observar. Sua origem são os Sacramentários, que continham as orações fixas, mas não as partes variáveis que deviam ser cantadas ou recitadas, pata as quais existiam livros especiais. Acrescentando-se, para maior comodidade, as partes variáveis ao Sacramentário, primeiro como apêndice, mais tarde cada uma em seu respectivo lugar e dia, resultou o Missal, chamado plenário. (RÖWER, 1947, p. 152-153).

No manuscrito: “Hum Missal ComCapa de Marroquim dourado”. (Fl. 10v, l. 34).

{1r-20; 1v-4, 21, 34; 2r-13, 34; 2v-13, 25; 3r-6, 26; 5r-36; 10v-34}.

Figura 18: Missal



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

MITRA (1) [Mitra].

1: “Mitra, ou Mithra. Hoje a mitra he insignia de prelazia, que os Bispos, Arcebispos, Abbades, e algũs Piores Regulares trazem na cabeça em actos Pontificaes. Antes do anno de 1000, não fazem os Authores menção alguma de Mitras. Tambem os Cardeaes trouxerão mitras, primeiro que usassem de capello, que lhes foi concedido no Concilio Lugdunense

no anno de 1245. A divisaõ da mitra em duas partes tem muitas significações, e entre outras significa a noticia, que o Prelado, que a traz, deve de ter hum, e outro Testamento. Tambem significa ser suprema a dignidade Episcopal, por isto o Bispo tendoa na cabeça, fica eminente a todos. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 516).

2: “Mitra (l. *mitra, infula*), ornato litúrgico da cabeça dos Cardeais, Bispos e Abades e

de outros Prelados, por exemplo, de cônegos, que tenham autorização especial (jus pontificalium) da Santa Sé. Remonta o uso da mitra ao X século; sua origem é provavelmente o camelaucum papal. A princípio reservada ao Papa, foi a mitra concedida, como distinção, a Bispos, fora de Roma, desde o XI século; outros Bispos usavam-na com consentimento tácito do Papa e assim passou a ser ornato litúrgico de todos os Bispos. A Abades foi feita a concessão também desde meados do XI século. A forma da mitra não foi sempre a mesma, mas sujeita a constantes transformações, com tendência de lhe dar sempre mais altura, até chegar, no século XVII, à forma de hoje. (RÖWER, 1947, p. 154).

No manuscrito: “Tres Mitras, huma brancaliza de Damasco, outra de melania (Fl. 1r, l. 32).

{1r-32}.

N n

NAVETA (3) [Naveta].

1: “Naveta. Vaso da Igreja, mais comprido que largo, da feição de barquinha, em que se deita incenso para o altar. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 5, p. 690).

2: “Naveta (l. *navicula*), pequeno vaso de metal, desde a idade média, com preferência em forma de naviozinho, para nele se servir, por meio de uma colherinha, o incenso nas

turificações litúrgicas. Antes de entrar em uso a forma actual, tinha o nome de acerra ou de arca = cofre, caixa. A naveta acompanha o turíbulo no estilo de arte e tem, como este, sua origem na antiguidade. (RÖWER, 1947, p. 158).

No manuscrito: “huã Naveta Com SuaColher”. (Fl. 12r, l. 28).

{4v-4; 12r-28; 12v-7}.

Figura 19: Naveta



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

O o

ORNAMENTO (19) [Ornamento].

1: “Ornamento. Qualquer coisa que orna. Diz-se particularmente das vestiduras sacerdotais, etc. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 122).

No manuscrito: “Ornamentos Pontificais encarnados”. (Fl. 1r, l. 36).

{1r-3, 14, 36; 1v-16, 27; 2r-8, 20, 38; 2v-19, 37; 3r-19, 30; 7r-2; 8v-16; 10r-3; 10v-13, 21; 11r-2; 12v-38}.

P p

PADRE (1) [Padre].

1: Padre. Padre se chamão os Sacerdotes de todas as Ordens Religiosas, e Congregações Regulares. Os Padres Carmelitas, Agostinhos, etc. os Padres da Trindade, de Companhia, do Oratorio. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 177).

No manuscrito: “oReuerendo Padre Domingos Xavier Martins”. (Fl. 13r, l. 25).

{13r-25}.

Ver Presbítero.

PALIO (2) [Pálio].

1: “Pállio. Insignia, e ultimo ornamento das vestiduras Sacerdotes dos Summos Pontifices, Patriarchas, Arcebispos, Primazes, e Metropolitanos. He hum tecido de lãa muyto branca, que se poem sobre a vestimenta, e cerca os hombros, e della pendem humas tiras, que tem quatro cruces vermelhas, hũa na parte anterior, que o Diacono prêga nos peytos do Arcebispo, e outra na parte posterior, que o Subdiacono lhe prêga nas costas, e as outras duas no hombro direyto, e esquerdo. A lãa do pallio se toma de dous cordeyros, que para este efeyto se tosquiaõ, e se offerecem todos os annos sobre o altar da Igreja se Santa Inez em Roma, e na lãa dos Cordeyros neste ornato dos hombros do Prelado Ecclesiastico se representa o cordeyro, que o bom Pastor Jesus Christo traz nos hombros. Pallio. He a modo de sobreceo de hũ leyto, cercado de suas sanefas, e prezo no alto de hũas varas, debayxo do qual leva o Sacerdote o Santissimo Sacramento em procissoens, e outras funções Ecclesiasticas. Tambem em

certas occasioens se vão receber Princepes Ecclesiasticos, ou seculares debayxo do pallio. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 204-205).

2: “Pálio, ornato litúrgico do Papa, Arcebispos e, as vezes, por privilégio de simples Bispos. É o pálio de hoje uma fita de 6 cm de largura feita de lã branca, em forma de anel, com 6 cruces de seda preta sobrecoladas, a ser colocada sobre os ombros, com duas pontas que finalizam numa peça de seda, pendentes na frente e nas costas, e três alfinetes preciosos de ornato, um no ombro esquerdo, os outros na junção das pontas pendentes. A lã do pálio é de dois cordeiros, bentos na festa de Santa Inês. Feitos os pálios, são bentos depois das primeiras Vésperas dos Príncipes dos Apóstolos e em seguida colocados, numa cápsula de prata dourada, no túmulo (Confessio) de S. Pedro, até serem entregues ou remetidos aos Arcebispos. Significa o pálio a plenitude do ofício pastoral, que deriva de S. Pedro directamente para o Papa e por intermédio deste para os Metropolitanos em sua província”. (RÖWER, 1947, p. 173).

No manuscrito: “Hum Palio da mesma melania eguarnição”. (Fl. 1r, l. 31).

{1r-31; 4v-22}.

PALLA (7) [Pala].

1: “Palla do Caliz. Segundo o uso Romano, he hum bocado de panno de linho, quadrado, e engomado, que o Sacerdote leva metido no corporal, e com que cobre o caliz. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 202).

2: “Pala, (l. *palla*, de *palliare* = cobrir, esconder), cobertura quadrangular do cálice, durante a Santa Missa, feita de linho e benta por quem tenha a faculdade. O feitiço da pala não é por toda parte o mesmo. Ou é uma peça engomada simples ou dupla de linho; ou duas peças com cartão dentro, cozidas em volta; ou uma peça de linho presa por baixo de um cartão coberto de seda, da cor dos paramentos (nunca preta) e de linho na face inferior [...] Em sua origem a pala não é outra

coisa senão o corporal. Seu uso tornou-se geral somente no XVI século. (RÖWER, 1947, p. 173).

No manuscrito: “Seis pallas finas com renda”. (Fl. 3v, l. 37).

{3v-36, 37; 7v-4, 5, 8, 12, 15}.

PALAS (6) - {7v-3, 7, 11, 14, 16, 17}.

Figura 20: Palla (pala)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

PARTÍCULA (2) [Partícula].

1: “Partícula. Pequena hostia, que se consagra para a comunhão dos fiéis. Na Igreja Romana as partículas são redondas, na Igreja Grega são triangulares. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 287).

2: “Partícula. (V. espécie)”. (RÖWER, 1947, p. 176). > “Espécie (do l. *species* =

aparência), o que com os sentidos se percebe na Eucaristia, isto é, a cor, o odor, o sabor, a forma. Cristo está presente na Eucaristia sob as espécies de pão e vinho, quer dizer, a substância das mesmas foi mudada em o Corpo e Sangue de Cristo, ficando apenas o que aparece aos sentidos, a espécie. Em sentido translado chamam-se espécies as partículas consagradas para a Comunhão

dos fiéis, ficando o nome de hóstia reservado para a partícula grande da Missa”. (RÖWER, 1947, p. 95).

No manuscrito: “Hum d.º de Cortar partículas”. (Fl. 5r, l. 15).

{5r-13, 15}.

PASSIONARIO (1) [Passionário].

1: “Passionario. No Inventario da Collegiada de S. Faustino da Igreja de Viterbo se achado ha alguns annos hum livro antiquissimo intitulado Passionarium, qm que estavaõ os Euangelhos da Paixaõ de JESU Christo, que se haviaõ de cantar na Samana Santa”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 9, p. 117).

No manuscrito: “Dous passionarios Com amesma encadernação”. (Fl. 5v, l. 5).

{5v-5}.

PATENA (9) [Patena].

1: “Patêna. Especie de pratinho, com que o Sacerdote cobre o caliz na Missa; he da mesma materia, que o caliz, e serve de recolher os fragmentos da Hostia. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 316).

2: “Patena (do gr. *patáno* = prato) pratinho, um pouco maior do que a boca do cálice, sagrado pelo Bispo, do mesmo metal que a copa do cálice, dourado pelo menos na face superior, geralmente todo côncavo ou com cavidade no meio, para nele ser colocada a hóstia grande na Santa Missa. (RÖWER, 1947, p. 177).

No manuscrito: “Seis callizdeprata dourada comsuas patenas domesmo”. (Fl. 4r, l. 24).

{4r-24, 27, 29, 30; 12r-15, 16, 20; 12v-8, 9}

Figura 21: Patena



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

PAVILHAÕ (8) [Pavilhão].

1: “Pavelhaõ do Sacrario. O panno com que se cobre”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 326).

2: “Pavilhão. (V. *Conopéu*)”. (RÖWER, 1947, p. 179). > “Conopéu (do gr. *konopeion* = mosquiteiro, cortina), pavilhão que, segundo o Ritual romano, deve cobrir todo o tabernáculo. Ao que parece deriva o conopéu do baldaquino que, em forma de tenda, cobria o vaso com o Santíssimo, pendurado por cima do altar. Nas igrejas antigas do Brasil ainda está em uso o conopéu na forma prescrita; nas modernas, com o tabernáculo frequentemente construído dentro do retábulo, ou encimado por um trono ou nicho de exposição, o conopéu ficou reduzido a uma cortina (respeito) diante da porta do tabernáculo, que nunca deve faltar. O conopéu deve ser feito de pano tecido, não de rendas ou trabalho de croché. A sua cor ou é sempre branca, ou varia segundo a cor do ofício do dia, excluída fica a preta, que nas exéquias é substituída pela roxa”. (RÖWER, 1947, p. 74).

No manuscrito: “Humpavilhaõ do Sacrario Velho deTisso deprata Comfranja”. (Fl. 7r, l. 34).

{3r-32, 34, 35, 36, 37; 3v-2, 4; 7r-37}.

PEDRA DE ARA (1) [Pedra d'ara].

1: “Ara. Em Portugal chamamos Pedra d'ara a pedra, que se poem no meyo do altar, consagrada, e ungida pelo Bispo, sobre a qual se poem o caliz, e a hostia, e se offerece o Sacrificio da Missa. As pedras d'ara são de marmore, ou de outra pedra solida, regularmente tem de comprimento hũa terca de vara, e de largura a quinta parte menos; são forradas de lona, fustaõ, ou panno de linho, e nellas pode estar commodamente o caliz, e hostia, vaso sacramental, ou as particulas sem elle. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 463).

2: “Pedra d'ara. (V. *Altar portátil*)”. (RÖWER, 1947, p. 180).

No manuscrito: “Tres pedra de Ara pequenas”. (Fl. 6v, l. 21).

{6v-21}.

PIA BAPTISMAL (1) [Pia Batismal].

1: “Pia de bautizar, ou pia do Bautismo, ou pia Baptismal. As pias baptismaes se fazem de pedra, seguras, e bem vedadas de todas as partes, tem cano, e sumidouro, que não se vasa por outra parte, e tampão de madeyra, fechado com fechadura, e chave”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 490).

2: “Batismo, Pia do (l. *fons baptismalis*), grande bacia, sustentada por uma coluna de mármore, de pedra polida ou de metal; dividida por dentro em duas partes, uma para conservar a água batismal, outra para receber a água servida, com um canal por onde esta escoo para a terra ou para a piscina, coberta com tampo de madeira ou metal, encimado por uma cruz. É chamada também fonte, do latim, porquanto, antigamente, a bacia recebia, à guisa de fonte, a água corrente de uma bica e a deixava escoar por um canal”. (RÖWER, 1947, p. 41).

No manuscrito: “Humapia Baptismal de madeyraComSuapia deCobre”. (Fl. 6v, l. 17).

{6v-17}.

PICIDIS (1) [Píxide].

1: “Píxide para viático, uma âmbula muito pequena ou um vaso em forma de relicário, dentro de uma bolsa de seda, pendente do pescoço e oculta por baixo da batina ou capa, para a administração do viático, quando as circunstâncias não permitem levá-lo publicamente”. (RÖWER, 1947, p. 184).

No manuscrito: “Huma picidis grande depratadouradap.a partículas”. (Fl. 4r, l. 38).

{4r-38}.

Ver Âmbula.

Figura 22: Picidis (píxide)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

PLUVIAL (6) [Pluvial].

1: “Pluvial. (Termo das Rubricas da Igreja.) Deriva-se do Latim Pluvia, que quer dizer Chuva, e he a vestidura Sacerdotal, que vulgarmente chamamos Capa de Asperges. Foy chamada Pluvial, porque se leva nas procissoens fóra da Igreja, e he defensivo da chuva. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 554).

No manuscrito: “Hum d.º deCortar partículas”. (Fl. 5r, l. 15).

{2r-33; 2v-12; 10r-18, 32; 10v-4, 29}.

Ver Capa das perges.

PONTIFICAIS (7) [Pontificais] (plur.).

1: “Pontifical. Substantivo. Hum Pontifical. He hũa veste, ou capa de grande cauda, e o capello forrado de carmesim, ou arminhos brancos. Usa della o Bispo na sua Cathedral, e quãdo vay acavallo solênemente, a leva

sobre o roxete, etc. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 559).

2: “(plural, corresp. ao l. *pontificalia*, a subentender: funções, prerrogativas, paramentos, etc.), em sentido canônico, as funções para as quais as leis litúrgicas exigem o uso das insígnias pontificais, isto é, da mitra e do báculo (*Dir. can. c. 337, § 2*); - em sentido litúrgico, os poderes, prerrogativas, honrarias, etc., que na Liturgia competem ao Bispo, de acordo com o Pontifical e Cerimonial dos Bispos, e limitadamente a outros Prelados (Abades, Prelados nullius, Protonotários, etc.), a quem o direito aos Pontificais foi concedido pela Santa Sé. (RÖWER, 1947, p. 185).

No manuscrito: “Huma meza, q’. Serve de aparador dePontificais”. (Fl. 4v, l. 31).

{1r-14, 36; 1v-16, 27; 2r-8; 4r-18; 4v-31}.

PONTIFICAES (3) - {10r-12, 25; 10v-33}.

PONTIFICAL (2) [Pontifical] (sing.).

1: “O livro dos Pontificaes, ou o Pontifical, he o livro que contem os ritos, e ceremonias proprias do Pontifice, e dos Bispos, quando publicamente exercem o seu sagrado ministério”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 559).

2: “Pontifical, l. *liber pontificalis*, livro litúrgico, em uso desde o IX século, unificado por Clemente VIII, em 1596, revisto e aumentado posteriormente, que contém os formulários para a administração dos sacramentos, para as bênçãos e outros actos reservados ao Bispo”. (RÖWER, 1947, p. 185).

No manuscrito: “HumPontifical p.^a as Missas Com amesma incadernação”. (Fl. 5v, l. 3).

{5v-3, 9}.

PORTAPAZ (2) [Porta-paz].

1: “Portapaz. Em algumas Igrejas he a peça de prata, a modo de laminam ou outra figura, que em certas Missas cantadas se dá a beijar em lugar da Patena. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 632).

2: “Porta-paz (1. *osculatorium, instrumentum pacis*). V. ósculo da paz”. (RÖWER, 1947, p. 185) > “ósculo da paz (1. *osculum pacis*, ou simplesmente paz), cerimônia usada entre os fiéis na Liturgia, desde os tempos apostólicos, como símbolo de mútuo amor e de alegria em Deus. Transformouse, na idade média, em o leve amplexo, hoje usado somente pelo clero, na Missa solene. Tinha lugar antigamente depois das orações por todos os fiéis, antes do Ofertório. No IV ou V século, porém, foi a cerimônia transferida para antes da Comunhão. [...] os irmãos de Irmandades, recebem a paz por meio de um quadrinho, chamado Porta paz, o qual todos osculam. É feito este quadrinho de madeira, de marfim ou de prata; tem, frequentemente um emblema ou imagem e, na parte posterior, uma asa para se lhe pegar. Em alguns lugares oferecia-se a patena para beijar”. (RÖWER, 1947, p. 170).

No manuscrito: “Huma portapaz deprata”. (Fl. 4r, l. 25).

{4r-25; 12r-17}.

PRESBITERO (1) [Presbítero].

1: “Presbytero. Deriva-se do Grego, *Presbyteros*, qua val o mesmo que Anciaõ, e provecto na idade. Aos Sacerdotes se deu este nome, naõ tanto pelas cans da velhice, como pela madureza da prudencia, necessaria para a dignidade Sacerdotal. Tambem antigamente era o mesmo Presbytero que Bispo”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 708).

2: “Presbítero (do gr. *presbyteros* = ancião, sacerdote, padre), nome escritural, oficialmente adoptado pela Igreja para significar sacerdote. É o presbítero por instituição divina e em virtude da ordenação conferida pelo Bispo o representante e ministro de N. Senhor, cuja missão perpétua, aplicando ao povo cristão os merecimentos de Cristo, principalmente com o Sacrifício da Missa e a administração dos Sacramentos e sendo-lhe mestre e guia, com a anunciação e explicação da doutrina cristã; tudo isto em dependência do Bispo, de cuja autoridade necessita para o válido ou lícito exercício de suas atribuições”. (RÖWER, 1947, p. 188).

No manuscrito: “Tres bancos depaõ findidos empedra, emq’. seasentaõ os Presbiteros”. (Fl. 4v, l. 23).

{4v-23}.

PROUISOR (3) [Provisor].

1: “Provisor. He o que faz as vezes do Bispo no seu Bispado. De ordinario não tem facultade para dar Reverendas, senão quando o Bispo está muyto distante. (BLUTEAU, iso1712-1728, v. 6, p. 808-809).

No manuscrito: “e Prouisor deste Bizpd.o Comigo aJudante”. (Fl. 5v, l. 18).

{5v-18; 8v-7; 9r-13}.

PROVISOR (3) - {10r-9; 12v-14, 32}.

PROUEZOR (2) - {8r-11, 15}.

PULPITO (14) [Pulpito].

1: “Pulpito. He palavra Latina de *Pulpitum*, que antigamente era o Tablado, ou especie de Balcaõ, em que os Comediantes sahiaõ a representar. Hoje, entre nós, he nas Igrejas o lugar levantado, em que se préga a palavra

de Deos. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 823-824).

2: “Púlpito (l. *pulpitum, suggestus*). (V. *Ambão*)”. (RÖWER, 1947, p. 192) > “Ambão (do gr. *anabainein* = subir), púlpito com estante para a pregação, canto da Epístola, Gradual e Evangelho. Era geralmente de pedra, situado perto das cancelas do coro ou até fazendo parte das mesmas, com formas arquitetônicas na frente, com uma ou duas escadas e, às vezes de dois pisos. Algumas igrejas tinham dois Ambões, um grande, para a pregação e o canto do Evangelho, outro menor, para o canto da Epístola [...] Nas igrejas catedrais há dois púlpitos, para a pregação ser feita ao lado da Epístola, quando o Bispo estiver presente”. (RÖREW, 1947, p. 23).

No manuscrito: “Se metem nas grades | debayxo dopulpito”. (Fl. 6v, l. 15-16).

{2r-36; 2v-4, 18, 23, 35; 3r-17; 6v-16; 7r-4; 10r-26, 37; 10v- 6, 18, 44; 11r-7}.

PURIFICADOR (2) [Purificador].

1: “Purificatório. Vaso pequeno com agua dentro, em que o Sacerdote lava, e purifica os dedos, e quando acaba de dar a Communhão no Altar depois da Missa. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 834).

2: “Purificador. (V. *Ablução, Vaso de*)”. (RÖWER, 1947, p. 193) > “Ablução, Vaso de, ou Purificador, pequeno vaso de metal ou cristal, colocado sobre o altar, para o sacerdote lavar os dedos depois de administrar a S. Comunhão fora da Missa ou depois de tocar no SS. Sacramento em outra qualquer ocasião”. (RÖREW, 1947, p. 12).

No manuscrito: “Humpurificador deprata”. (Fl. 4v, l. 19).

{4v-19; 6v-5}.

R r

RELICÁRIO (1) [Relicário].

1: “Relicario. Acayxa, ou outra cousa, em que se guardaõ relíquias”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 220).

2: “Relicário, vaso que contém relíquias. Antigamente conservavam-se as relíquias fechadas. Desde o XIV século, porém, preferia-se pô-las a descoberto, por detrás de vidro, e davam-se aos relicários diversas formas (de ostensório, braço meio corpo, figura inteira), de madeira ou metal precioso e ricamente ornados”. (RÖWER, 1947, p. 197).

No manuscrito: “Hum relicário deprata m.^{to} pequeno, eantigo”. (Fl. 6v, l. 3).

{6v-3}.

Figura 23: Relicário



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

RESPLANDOR (3) [Resplendor].

1: “Resplendor. Nas Imagens, e figuras dos Anjos, e Santos canonizados, he hũ circulo de luzes, que lhes cinge, e coroa a cabeça”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 292).

2: “Resplendor (nimbo, auréola, glória, coroa), círculo de luz na pintura, de metal (ouro, prata) na plástica, em volta da cabeça das pessoas divinas e santas ou de seus símbolos (leão de S. Marcos). A arte cristã adoptou o nimbo como símbolo de supremacia”. (RÖWER, 1947, p. 199).

No manuscrito: “Huma Imagem deS. João Baptista Com resplendor deprata”. (Fl. 6r, l. 23).

{6r-23, 26, 29}.

Figura 24: Resplendor (resplendor)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

REUERENDO (19) [Reverendo].

1: “Reverendo. Titulo honorifico, que se dà a Ecclesiasticos, assim Seculares, como Regulares. Reverendissimo se dà a Cardeaes, a Abbades, e Géraes de Ordens Religiosas, etc”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 314).

No manuscrito: “ReuerendoDoutor Joze de Andrada eMorais”. (Fl. 5v, l. 17).

{5v-17; 8r-11, 14, 16; 8v-6, 9, 36; 9r-19; 12v-19, 30, 31, 35; 13r-4, 7, 14, 17, 24, 25, 26}.

REVERENDO (2) - {12v-17, 21}.

RITUAL ROMANO (1) [Ritual Romano].

1: “Ritul. O livro, que ensina o modo, e ordem das sagradas ceremonias da administração dos Sacramentos em hũa Diocesi, ou Ordem Religiosa [...]”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 347).

2: “Ritual romano, livro litúrgico editado em 1614 e aumentado por Bento XIV, em 1752, para o uso dos simples sacerdotes e que contém os ritos a observar na administração dos Sacramentos, nas bênçãos e outras funções como exéquias, procissões e exorcismos. Desde o XI século existia um grande número de Rituais (obsequiai e, manuale, agenda) de carácter privado, feitos

pelos sacerdotes para seu próprio cômodo”. (RÖWER, 1947, p. 201).

No manuscrito: “Hum ritual Romano”. (Fl. 5v, l. 6).

{5v-6}.

ROZETA (1) [Roseta]. **1:** “Roseta. Pequena bola, chea de biquinhos à roda, como as dos açoutes dos disciplinantes”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 380).

No manuscrito: “Sinco rozetas p.^a os Vidros da Lampad a”. (Fl. 5r, l. 7).

{5r-7}.

S S

SACHRISTAÕ (13) [Sacristão].

1: “Sancristaõ. O que tem à sua conta os paramentos de hũa Igreja, e tudo o que se guarda numa Sancristia”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 467).

2: “Sacristão (do l. *sacristanus*), empregado que tem a seu cargo o trato de uma igreja: limpeza, ornamentação, conservação dos paramentos e alfaias e que ajuda ao sacerdote nos actos do culto. Nas igrejas catedrais e colegiadas um dos cônegos costumava ser o sacristão-mor. Como dignidade capitular dava-se-lhe o nome de custos ou thesaurarius”. (RÖWER, 1947, p. 205).

No manuscrito: “elogio pelo mesmo Sachristaõ | Ma noel Per.^a dePinho”. (Fl. 8r, l. 26-27).

{1r-8; 5v-22, 31, 33; 6r-14; 8r-24, 26; 8v-13, 15, 19; 12v-37, 42, 45}.

SACHRISTIA (5) [Sacristia].

1: “Sancristia. O lugar onde se guardão os ornamentos, e prata de huma Igreja”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 467).

2: “Sacristia (l. *Sacristia* e, às vezes, *sacrarium*, *secretarium*, *salutatorium*), dependência contígua à Igreja, geralmente ao lado do presbitério (até à idade média também dentro da igreja) para os ministros se vestirem e para a conservação dos paramentos e alfaias. Servia antigamente também para a guarda do Santíssimo. (V. Armanum), para as audiências do Bispo ou para receber os cumprimentos (por isto *salutatorium*) do clero, antes da Missa. (RÖWER, 1947, p. 205).

No manuscrito: “Huma Imagem do menino IESVS depáo q̄. Seacha na Sachristia”. (Fl. 6r, l. 27).

{6r-21, 27; 6v-13, 26; 7v-40}.

SACRA (3) [Sacra].

1: “Sacra. He a taboasinha, ou cousa semelhante, que se põem no meyo do Altar, com as palavras da consagração, a Gloria, o Credo, etc. para ajudar a memoria do Sacerdote no Sacrificio da Missa. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 421).

2: “Sacras, os três quadros com orações, que se colocam sobre a mesa do altar, diante da banqueta e, a do meio, diante do tabernáculo ou ao pé da cruz, durante a Missa sòmente. Destes o do meio (l. *tabella secretarum*) é prescrito e está em uso desde meados do XVI século. Chamavam-no sacra porque entre as orações destaca-se em tipo maior a sacra consecrationis formula = a fórmula santa da consagração. Os outros quadros datam do século imediato. As sacras têm por fim ajudar a memória do celebrante, porque as orações são rezadas de cor e as cerimônias impedem o olhar para o Missal”. (RÖWER, 1947, p. 205).

No manuscrito: “huã Sacra do Altar Mor”. (Fl. 12r, l. 11).

{4r-20; 11v-9; 12r-11}.

SACRARIO (8) [Sacrário].

1: “Sacrario. Deriva se de *Sacrarium*, que no tempo da Gentilidade Romana era o lugar do Templo, em que se guardavaõ as cousas

concernentes aos sacrificios. Segundo outros, era o lugar cercado de grades, em que no tempo do sacrificio, só o Sacerdote podia entrar com os mais Ministros. Entre nòs Sacrario sua porta, onde està o Santissimo Sacramento no vaso das Particulas, ou na Custodia”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 422).

2: “Sacrário. (V. Tabernáculo, Piscina, Sacristia)”. (RÖWER, 1947, p. 205).

No manuscrito: “Hum Sacrario dourado, ear madocom quatro columnas”. (Fl. 4v, l. 37).

{3r-33; 3v-18; 4v-37; 6r-36; 6v-2, 22; 7r-37; 7v-39}.

SANGUINHO (3) [Sanguíneo].

1: “Sanguinho, ou Sanguineo. O panninho com que se alimpa, e purifica o caliz. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 475).

2: “Sanguinho (l. *purificatorium*, *absfensorium*, *extersorium*), paninho de linho, duas vezes dobrado ao longo, geralmente com cruzinha no meio e frequentemente com renda estreita nas extremidades, para o celebrante enxugar a boca e dedos depois da segunda ablução na Missa e em seguida o interior do cálice”. (RÖWER, 1947, p. 210).

No manuscrito: “Quarenta e seis Sanguinhos com renda”. (Fl. 4r, l. 9).

{4r-9, 10; 7v-32}.

SANTISSIMO (1) [Santíssimo].

1: “O Santissimo. Por antonomasia, he o Santissimo Sacramento do Altar, porq̃ neste Sacramento se encerra a santidade essencial, e o proprio Autor da santidade. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 482).

No manuscrito: “expor o Santissimo com seopavilhaõdeGalassê com dezanove borlas”. (Fl. 3v, l. 4).

{3v-4}.

SANTOS OLEOS (3) [Santos óleos].

1: “Os Santos Oleos, são os que com as devidas ceremonias se benzem Quinta feyra de Endoenças, e com elles se ungem os fieis em algũs Sacramentos. No Bautismo se unge a cabeça, na Confirmação a testa, na Santa Unção as partes do corpo, em que residem os cinco sentidos, e que podiaõ ser instrumentos do peccado. Na sagração dos Bispos, o Bispo consecrante depois de formar huma cruz no meyo da coroa com o Santo Oleo, unge toda a coroa, etc”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 55).

No manuscrito: “Tres ambolas pequenas p.a os Santos oleos de prata”. (Fl. 4v, l. 15).

{3v-9; 4v-15; 6v-28}.

SE (9) [Sé].

1: “See, ou Sê. Deriva-se do nome Latino *Sedes*, que quer dizer Cadeyra, e como nas Igrejas as cadeyras dos Prelados, ou Bispos, e Arcebispos dellas eraõ mais levantadas, que as dos outros Ecclesiasticos, soy chamada Sé a Igreja Cathedral, em que de ordinario reside o Bispo. Até a Igreja se S. Pedro de Roma se chama A Santa Sé Apostolica”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 545).

2: “Sé, Igreja da, cathedral, porque nela se acha a sede (trono) do Bispo”. (RÖWER, 1947, p. 211).

No manuscrito: “Ar | Cipreste damesma Se e Bispado e Prouezor”. (Fl. 8r, l. 14-15).

{5v-18, 22; 8r-15, 17, 21; 8v-5, 10, 12; 11v-16}.

SÉ (2) - {5v-35; 6r-12}.

SÊ (1) - {4r-29}.

SINO (1) [Sino].

1: “Sino. Instrumento concavo, de metal sonoro, com badalo interiormente suspenso, em distancia igual circunferencia. Chama-se sino do Sinal, que faz para os Christãos acudirerem aos Templos, quando se celebrão os Officios Divinos; e na bayxa Latinidade foy chamado Campana, da Provincia de Campania, ou terra de Lavor no Reyno de Napoles”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 658).

2: “Sino. Do l. *signum*. V. Campana”. (RÖWER, 1947, p. 216). > “Campana (l. *nola, campana, clocca, signum*), sino na torre da igreja. Atribui-se frequentemente a S. Paulino, Bispo de Nola, na Campanha, no V século, o primeiro emprego dos sinos para o culto. Dizem que daí vêm os nomes nola para o sino grande e campana para o sino menor”. (RÖWER, 1947, p. 57).

No manuscrito: “HumSino pequeno q̄. está na torre da parte esquerda”. (Fl. 6v, l. 31).

{6v-31}.

SOBREPÉLIZ (1) [Sobrepeliz].

1: “Sobrepeliz. Vestidura Ecclesiastica de panno de linho, e varia, segundo as Provincias. Ordinariamente a Sobrepeliz em Portugal he hũa veste como hum capuz, comprida, sem mangas, e que igualmente desce dos hombros por todas as partes até os pés”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 678).

2: “Sobrepeliz (l. *superpellicium*, it. *cotta*), veste branca e ampla, de linho ou algodão, com mangas largas, ou meio largas, para ser, usada sobre a batina ou hábito religioso, por todos os clérigos, nos quais substitui a alva na administração dos sacramentos, nas

procissões e outras ocasiões semelhantes. Sua origem data do XI século, e era usada, pelos coristas, no inverno, sobre um manto de pele, o que originou seu nome. A princípio descia até ao chão como é de ver nas pinturas daquela época. Quando, no século XIV deixou de ser apenas veste do coro, foi-se encurtando sempre mais, até chegar ao tamanho de hoje, chegando até o joelho mais ou menos e com mangas de 60 a 70 cm. de comprimento”. (RÖWER, 1947, p. 216).

No manuscrito: “DozeSobrepeli(z)es com mangas derenda”. (Fl. 4r, l. 12).

{4r-12}.

T t

TIZOURA (1) [Tesoura].

1: “Tesoura, usa o Bispo em conferir a tonsura eclesiástica”. (RÖWER, 1947, p. 220). **No manuscrito:** “HumaTizoura comcabos deprata p.^a aprima tonçura”. (Fl. 4v, l. 20).

{4v-20}.

TOALHA (14) [Toalha].

1: “Toalha (l. *tobalea*, *mappa*, *linteamen*) i) do altar, que deve ser de linho, cobrir toda a mesa e descer em ambos os lados até ao chão. Para a celebração da S. Missa exigem-se três, mas basta que a superior tenha as dimensões indicadas. Cobrir o altar com linho, para a celebração do Santo Sacrifício, era uso já no III século. Não era sómente por decência e respeito; mas, porque o altar representa a Cristo, via-se nas toalhas a mortalha de N. Senhor na sepultura, razão que explica o tamanho pelo menos da toalha superior. [...] ii) da Comunhão, toalha branca, não necessariamente de linho, que, segundo prescreve o Missal (Rit. serv. in celebr. Missre X, 6), O ministro deve estender diante dos que recebem a S. Comunhão. Frequentemente acha-se presa à mesa da Comunhão”. (RÖWER, 1947, p. 222).

No manuscrito: “duas toalhas grandes com rendap.^a acomunhaõ”. (Fl. 3v, l. 30).

{3v-23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30; 7v-20, 21, 23, 24, 25, 41}.

TOXEYRO (5) [Tocheiro].

1: “Tocheira. Especie de castiçal grãde, ou qualquer figura de pao, ou de outra materia com castiçal, para nelle assentar hũa tocha”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 8, p. 185).

2: “Tocheiro, grande candelabro para tocha”. (RÖWER, 1947, p. 222).

No manuscrito: “HumToxeyro depaô dourado”. (Fl. 5r, l. 8).

{5r-6, 8, 22, 23; 7v-38}.

Figura 25: Toxeyro (tocheiro)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

TRONO (2) [Trono].

1: “Trono, i) sede do Bispo na igreja para as funções pontificais; ii) lugar onde fica exposto o SS. Sacramento. Nos altares de construção moderna, o trono acha-se geralmente em cima do tabernáculo e tem a forma de um nicho ou de um cibório, isto é, de um teto (baldaquino) que repousa sobre quatro colunas. Nas igrejas antigas costuma-

se fazer a exposição, quando for para muito tempo, no trono dentro do retábulo, onde se acha a imagem do padroeiro, que então deve ser removida; iii) construção de degraus dentro do rectábulo para a imagem do padroeiro”. (RÖWER, 1947, p. 225-226).

No manuscrito: “Hum Trono dourado com quatro columnas”. (Fl. 4v, l. 35).

{4v-35; 5r-4}.

TUMBA (1) [Tumba].

1: “Tumba. Deriva-se do Grego *TonBos*, que significa Sepulchro”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 8, p. 324).

2: “Tumba (l.). (V. *Catafalco* e *Sarcófago*)”. (RÖWER, 1947, p. 226) > “Catafalco ou eça (l. *tumba*, *castrum doloris*), armação coberta de crepe, com velas em seu redor, erguida no corpo da igreja, na qual, como que representando o esquife; o celebrante dá a absolvição depois da Missa pelo falecido e em outras ocasiões”. (RÖWER, 1947, p. 64).

No manuscrito: “Humpano de Tumba do mesmo”. (Fl. 3r, l. 29).

{3r-29}.

TUNICELLA (5) [Tunicela].

1: “Tunicella. He a que veste o Bispo entre a alva, e a vestimenta. São duas as Tunicellas Episcopales, hũa he mais cõprida que a outra”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 8, p. 326).

2: “Tunicela, túnica superior do subdiácono, hoje em tudo igual à dalmática do diácono, da qual é a imitação desde a sua origem no VI século. Era antigamente, como a dalmática, uma túnica branca de linho ou algodão, sem cingunlo, descendo até aos calcanhares, mas mais estreita do que a dalmática e também sem o adorno dos

cravos. Chamavam-na túnica estreita ou dalmática menor. [...] Simboliza a tunicela, como a dalmática, a salvação, a alegria espiritual e a justiça de santidade. Sua fazenda não deve ser necessariamente seda ou setim, embora seja costume; na cor se conforma com a prescrita para a respectiva função”. (RÖWER, 1947, p. 226).

No manuscrito: “Duas Tunicellas da mesma melaniaeguarrição”. (Fl. 1r, l. 19).

{1r-19; 1v-3, 20, 33; 2r-12}.

TURIBOLO (1) [TURÍBULO].

1: “Turíbulo. Deriva-se do Latim *Thus*, *Thuris*, Incenso. He o vaso, em que se deyta incenso, para incensar nas Igrejas o que manda a Rubrica”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 8, p. 159).

2: “Turíbulo (do l. *thus* = incenso), ou incensório, vaso de metal ou prata para as incensações litúrgicas. Consta de um receptor para a caçoula, o qual geralmente tem pé baixo, e o tampo perfurado. Ambos estão pendurados de correntes, das quais as três presas nos cantos do receptor passam por um orifício angular do tampo e estão argoladas numa empunhadura; a corrente presa no centro do tampo corre dentro de um orifício da empunhadura, permitindo o levantar e o descer do tampo. Muitas vezes o turíbulo tem formas estilizadas. Acompanha-o a naveta com colherinha. Está o turíbulo em uso em todos os Ritos. Outra forma de turíbulo conhecida na antiguidade, mas hoje só no Oriente, é a de um receptor com caçoula só, a ser colocado no chão. (RÖWER, 1947, p. 227).

No manuscrito: “Hum Turibolo enaveta”. (Fl. 12v, l. 7).

{12v-7}.

TURIBULO (1) - {12r-27}.

Figura 26: Turibolo (turíbulo)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

V v

VEO (13) [Veú].

1: “Veó. Panno, que serve de encobrir hũa cousa, paraque não fique patente à vista. [...] Veó do Calix. O panno de seda, ou de outra materia, com que se cobre”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 8, p. 412).

No manuscrito: “Hum Veo decustodia deGalassê branca deouro com rendado mesmo”. (Fl. 3v, l. 6).

{1v-9; 3v-6; 7v-8, 17; 10r-20, 22, 34, 36; 10v-2, 16, 26, 42; 11r-5}.

VEÔ (6) - {1r-25; 1v-24, 37; 2r-32; 2v-11; 3r-10}.

VÊO DE HOMBROS (5) [Véu de ombros].

1: “Véu de ombros, um panno, de 60 cm. de largo e 2,50 m. de comprido, de seda branca, mais ou menos ricamente ornado no centro e nas pontas, colocado sobre os ombros e com fecho sobre o peito, com cujas extremidades o sacerdote segura a custódia ao dar a bênção com o Santíssimo, ou com que cobre a âmbula para o mesmo fim ou para transportá-la, quando, por exemplo, leva publicamente o viático”. (RÖWER, 1947, p. 230).

No manuscrito: “Hum vêodehombros de cetim com guarnição de retros”. (Fl. 2r, l. 29).

{2r-29; 2v-8, 28; 3r-12; 7r-7}.

VEO DE HOMBRO (1) - {10r-16}.

Figura 27: Vêo de ombros (véu de ombros)



Fonte: Museu da Liturgia de Tiradentes.

VESTIMENTA (10) [Vestimenta].

1: “Vestimenta. As vestiduras sacerdotaes para celebrar”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 8, p. 459).

No manuscrito: “Duas Cazulas ouvestimentas brancas preparadas guarneçadas”. (Fl. 11v, l. 5).

{7r-21, 25; 10r-19, 33, 43; 10v-15, 24, 41; 11r-4; 11v-5}.

VIATRIO (1) [Viático].

1: “Viatico. Deriva se di verbo Latino, antiquado, *Viare*, que significava Caminhar, e he o que os Gregos chamão *Ephodion*, isto he, tudo o que o caminhante leva para a jornada, quer mantimento, quer dinheiro. A Igreja primitiva applicava a palavra *Viaticum*, ou *Ephodion* a todos os Sacramentos, particularmente ao Sacramento do Bautismo, porque este he a via ordinaria para entrar na Christandade, e o Sacramento da Eucaristia, porque abre o caminho para a vida eterna. Hoje entre nõs viatico he o Corpo de Christo sacramentado, que se toma no fim da vida, ou a Cõmunhão, que se dà ao doente com perigo de morte; e chama se assim, por servir como de Viatico para passar ao outro mundo”. (BLUTEAU, 1712-1728, v. 8, p. 469).

2: “Viático (l. *Viaticum*, de via = caminho), a S. Comunhão administrada a quem se acha gravemente doente, como conforto espiritual no caminho para a eternidade. Para o viático não vigora a lei do jejum natural, como não há restrição quanto ao tempo de administrá-lo”. (RÖWER, 1947, p. 232).

No manuscrito: “Hum relicário de prata m.to pequeno, eantigo, q̄. Servi(o) de levar oVia= | trio aos enfermos”. (Fl. 6v, l. 3-4).

{6v-3}.

4 REFERÊNCIAS

4.1 Trabalhos e obras

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do léxico. In: REIS, Maria da Conceição; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (orgs.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225.

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria (org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/ CITRAT, 2001. p. 23-45. (Cadernos de Terminologia, 1).

BARREIROS, Liliane Lemos Santana. *Vocabulário de Eulálio Motta*. 2017. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26681>. Acesso em 10 out. 2018.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico* [...]. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 8 v, 1712-1728. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>. Acesso em 05 ago. 2018.

CABRÉ, Maria Teresa. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 3, s/p, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/567/568>. Acesso em 10 out. 2018.

CONFERÊNCIA Episcopal Portuguesa (CEP). *Introdução Geral ao Missal Romano*, Secretariado Nacional da Liturgia, 2003.

CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). *Cerimonial dos Bispos*. São Paulo: Paulus, 2008.

COPPOLA, Soraya Aparecida Álvares. *Costurando a memória: o acervo têxtil do Museu Arquiocesano de Arte Sacra de Mariana*. 2005. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/VPQZ-6T8RZG>. Acesso em 10 out. 2018.

DORES, Marcus Vinícius Pereira das. *O Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana (1749-1753): edição e glossário terminológico*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

DUCHOWNY, Alécia Teles; COELHO, Sueli Maria; COELHO, Guilherme Henrique. Sistema de abreviaturas de documentos adamantinos setecentistas. *Revista Letras*, n. 90,

p. 233-252, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v90i2.36430>. Acesso em 18 jul. 2018

DUCHOWNY, Alécia Teles; FIGUEIREDO, Bárbara Magalhães; LONGO, Daniela Santos; COELHO, Sueli Maria. *Vocabulários de compromissos e estatuto adamantinos: Ordem Terceira de São Francisco (1778), Irmandade de Nossa Sra do Amparo (1782) Irmandade do Santíssimo Sacramento (1785)*. São Paulo: NEHiLP/FFLCH/USP, 2015. Disponível em: http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp/NEHiLP_9.pdf. Acesso em 15 mar. 2019.

FULGÊNCIO, Lúcia. Montando um dicionário: como definir?. In: ABBADE, Celina Márcia de Souza; SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis (orgs.). *Entre a palavra, o discurso e o texto: caminhos filológicos*. Curitiba: Appris, 2016. p. 57-79.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Não paginado, 1 CD-ROM.

KRIEGER, Maria da Graça. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. *Calidoscópio*. v. 4, n. 3, p. 141-147, 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6000>. Acesso em 10 out. 2018.

KRIEGER, Maria da Graça. Divulgação científica e terminologia. *Anais do V Simpósio Internacional de Estudo de Gêneros Textuais*. Caxias do Sul: Edcs, s/p, 2009. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/divulgacao_cientifica_e_terminologia.pdf. Acesso em 10 out. 2018.

LINO, Maria Teresa; CHICUNA, Alexandre Mavungo; GRÔZ, Ana Pita; MEDINA, Daniel. Neologia, terminologia e lexicultura a língua portuguesa em situação de contacto de línguas. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 12, n. 2, p. 187-201, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v12i2p187-201>. Acesso em 10 out. 2018.

MIRA-MATEUS, Maria Helena (1995). Elaboração de glossários: problemas, métodos e técnicas. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (eds.). *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 289-298.

MIRA-MATEUS, Maria Helena; VILLALVA, Alina. *O essencial sobre linguística*. Lisboa: Caminho, 2006.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Raphael Bluteau: marco na lexicografia portuguesa de setecentos. In: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; GONÇALVES, Maria Filomena (orgs.). *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. Araraquara: FCL-UNESP, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 159-188.

PAULA, Maria Helena de. *Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103588>. Acesso em 10 out. 2018.

RODRIGUES, Flávio Carneiro. *Os Relatórios Decenais dos Bispos de Mariana enviados à Santa Sé*. Mariana: Dom Viçoso, 2005. (Cadernos Históricos do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana).

RÖWER, Frei Basílio. *Dicionário litúrgico para uso do Revmo. Clero e dos fiéis*. Petrópolis: Vozes, 1947.

SACROSANCTUM Concilium. *Documento do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1963. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em 10 fev. 2020.

SANTOS, Patrícia Ferreira dos. A Coroa e a Mitra no espaço público: representação de poder nas festas e cerimônias litúrgicas do século XVIII em Minas Gerais. *Horizonte*, v. 9, n. 20, p. 64-82, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2011v9n20p64>. Acessado em 06 jul. 2020.

SCHIERHOLZ, Stefan J. Lexicografia de especialidade e terminografia. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, v. 8, 2012. p. 371-396. (Tradução de Leonardo Zilio e revisão de Maria José Finatto).

TELLES, Célia Marques. Léxico e edição semidiplomática. In: SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina; BIDARRA, Jorge (orgs.). *Pesquisas sobre léxico: reflexões teóricas e aplicação*. Campinas: Pontes; Cascavel: EDUNIOESTE, 2012. p. 137-158.

4.2 Fonte documental

ARQUIVO Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AEAM. *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*. Minas Gerais. Inventário – P16, 1749-1904.

4.3 Software

ANTHONY, Laurence. *AntConc (Windows, Macintosh OS X, and Linux)*: Build 3.2.4., 2011. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>. Acesso em 05 maio 2018.